

**A(s) geografia(s) da literatura:  
do nacional ao global**



Carlos Manuel Ferreira da Cunha

A imagem da capa representa uma imagem do Extravaganza Puzzle Globe-XL, da empresa Philippi, captada em <http://www.cutlerpresentes.com.br/>.



*A(s) geografia(s) da literatura: do nacional ao global*

Carlos Manuel Ferreira da Cunha

ISBN: 978-1-4477-2649-4

© Carlos Cunha e Opera Omnia

1ª edição: Maio de 2011

Opera Omnia

Rua Nova de Fonte Cova,

12 4805-295 Ponte - Guimarães

[www.operaomnia.pt](http://www.operaomnia.pt)

Este ensaio é uma versão ampliada do seminário intitulado “A produção do espaço na história literária: uma questão de escala”, apresentado e discutido em Provas de Agregação, no ramo de conhecimento em Teoria da Literatura, em 23/7/2010, na Universidade do Minho.



Para a Dores,  
o Carlos José  
e a Margarida Maria





## Índice

I- O imaginário geográfico da literatura	11
II - As fronteiras imaginárias da literatura nacional	23
III- A produção do espaço literário	33
IV- Novas histórias, novos espaços	47
V- O espaço literário global	71
Bibliografia	99



## **I- O imaginário geográfico da literatura**

A articulação da literatura com o espaço é fundacional, em termos teóricos e institucionais, emergindo no âmbito de uma cartografia literária europeia elaborada pelos românticos (após a fractura da universal “república das letras” dos clássicos), em que as novas literaturas se agrupavam nas literaturas do Norte ou nas literaturas do Sul. Mais recentemente, a literatura comparada, os estudos pós-coloniais e o (re)emergente conceito de literatura mundial/global têm colocado a tónica numa perspectiva transnacional, com a consequente desestabilização das fronteiras literárias tradicionais<sup>1</sup>. Pode mesmo falar-se de uma (re)invenção da “geografia literária”, resultante da deslocação dos estudos literários de um quadro temporal (a história literária) para um

---

<sup>1</sup> As revoluções tecnológicas da nossa era, marcada pela globalização territorial e digital, através das novas formas de comunicação, tecnológicas e espaciais, têm contribuído para esta desestabilização, acentuando-se as “fronteiras simbólicas da língua e da cultura”, que proporcionam as decisivas e permeáveis fronteiras da nossa época (Morley e Robins, 1995: 1).

modelo espacial. A escala passou a ser mundial/global, mas na sua base mantém-se um certo “imaginário geográfico”.

Este conceito de “imaginário geográfico”, oriundo da geografia pós-moderna ou crítica<sup>2</sup>, envolve a ideia de que o discurso geográfico não reflecte apenas o mundo, ele é constitutivo desse mundo, numa forte articulação entre natureza e cultura<sup>3</sup>. A geografia funciona assim como um elemento mediador, através de um conjunto de imagens mentais sobre o mundo que nos rodeia<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Este conceito foi cunhado por David Harvey e reinventado por Gregory Derek (1994, *Geographical Imagination*). Está também presente em Edward Soja (1996, *Thirdspace: Expanding the Geographical Imagination*) e em Doreen Massey (cf. nota 4).

<sup>3</sup> Cf. o dicionário *online* de Geografia (<http://www.geodsz.com/eng/d/geographical-imagination/geographical-imagination.htm>; acessido em 11/3/2011).

<sup>4</sup> Cf. Susan Schulten (2001: 241). Doreen Massey define assim “imaginário geográfico”: “It is probably now well accepted, though it is still important to argue, that a lot of our “geography” is in the mind. That is to say we carry around with us mental images of the world, of the country in which we live (all those image of the North/South divide), of the street next door.” (in Balderston, D. (ed) (2006)- *Secondary Geography Handbook*, Sheffield: Geographical Association, pp. 46-51) ([http://www.geography.org.uk/download/GA\\_ADVSecHbkMassey.pdf](http://www.geography.org.uk/download/GA_ADVSecHbkMassey.pdf); acessido em 11/3/2011).

Edward Said destaca, no seu *Orientalismo*, a importância da geografia imaginativa e das suas representações na construção do discurso orientalista e na forma como a imaginação imperial dividiu o mundo (1978: 49). Também em *Culture & Imperialism*, dá um grande relevo à dimensão geográfica em articulação com a cultura e o império:

“What I have tried to do is a kind of geographical inquiry into historical experience (...). Just as none of us is outside or beyond geography, none of us is completely free from the struggle over geography. That struggle is complex and interesting because it is not only about soldiers and cannons but also about ideas, about forms, about images and imaginings.” (1993: 6).

Deste modo, confirma a importância do espaço neste exercício de dominação cultural: “Imperialism and the culture associated with it affirm both the primacy of geography and an ideology about control of territory” (*id.*: 93).

Por seu turno, Homi Bhabha sublinha que a geografia imaginativa produz uma homogeneização das culturas nacionais ao serviço de uma hegemonia interna (do poder dominante) ou externa (imperialismo) (1990: 318). A constituição do “lugar” resulta assim da cartografia teórica do território.

Benedict Anderson concedeu um grande relevo à construção do “imaginário nacional”, ao explicar as articulações entre as “comunidades imaginadas” e as “geografias imaginadas”

enquanto “espaços de identidade”. Como observa no prefácio da edição francesa da sua obra, a destruição das antigas comunidades, em termos espaciais e temporais, obrigou a uma reformulação das antigas comunidades (1996a: 9). As próprias migrações do século XVI e os processos de desterritorialização gerados pelo capitalismo criaram a necessidade de as suas vítimas se imaginarem na sua terra. A noção antropológica de nação de Anderson clarifica essa partilha comunitária no plano do imaginário:

“une communauté politique imaginaire, et imaginée comme intrinsequement limitée et souveraine.

Elle est *imaginaire* (*imagined*) parce que même les membres de la plus petite des nations ne connaîtront jamais la plupart de les concitoyens”, “bien que dans l’ esprit de chacun vive l’ image de leur communion.” (*id.*: 19)<sup>5</sup>.

Curiosamente, é nesta segunda edição que acrescenta dois capítulos novos, tendo o primeiro, intitulado “o recenseamento, o

---

<sup>5</sup> Imaginar significa aqui, como o autor explica em nota, “considerar que” ou partilhar (*ibid.*, n. 9). Este conceito de imaginário não está muito distante do adoptado por Walter Mignolo, com base em Eduard Glissant: “Para Glissant, el imaginário consiste en todos los modos en los que una cultura percibe y concibe el mundo. Así pues, todas las culturas humanas contarán con un imaginário particular” (Mignolo, 2003: 83).

mapa e o museu”, o propósito explícito de conferir relevo ao espaço na construção das nações, sobretudo nas pós-coloniais. Trata assim de três instituições que são outras tantas formas de domínio do espaço colonial: o recenseamento para conhecer a natureza dos colonizados, para vigiar as populações; o mapa para dominar e construir o espaço de dominação, em termos geográficos e históricos. Os museus e a museologia são apresentados como modos de legitimação simbólica e histórica da sua ascendência e ancestralidade, para conservar a história de forma “viva”, funcionando o Estado como guardião da tradição local (*id.*: 167-81).

Como referimos no início, verificamos que o imaginário geográfico está presente na fundação da história da literatura, como é observável nas obras de Madame de Stael, Sismonde de Sismondi e dos irmãos Schlegel, que divulgaram a crença na capacidade criadora das raças autóctones e introduziram a geografia e a etnologia na crítica literária. Destacam a dimensão climática – com base na teoria dos climas de Montesquieu -, rática e religiosa, e põem a tónica na articulação da literatura com a época e a sociedade que a produziu. Surge assim uma "cartografia romântica", que distingue as literaturas antigas – caracterizadas pela racionalidade equilibrada, por influência do sol e do humanismo pagão – e as literaturas modernas, nas quais

se contrapõem as literaturas originais do Norte e as imitativas do Sul (*Midi*) da Europa.

Esta cartografia, ao estabelecer uma distinção entre “duas europas”, tem como principal objectivo destacar a originalidade da literatura e cultura alemãs (que se pretendiam herdeiras da cultura oriental e grega) face à imitação clássica, patente na literatura e cultura da França (herdeira de Roma)<sup>6</sup>. Para além desta divisão pertencer a uma diferenciação mais profunda, com base no progresso científico da Europa do Norte, por oposição ao correlativo atraso do Sul, tem na sua estrutura profunda, como sublinha Eduardo Lourenço, um antagonismo mais antigo, de natureza religiosa: “As *duas* Europas começaram por ser originariamente a Europa católica e a Europa protestante, ou o *catolicismo* de uma e o *protestantismo* de outra.” (1994: 62).

---

<sup>6</sup> Esta cartografia europeia influenciou os fundadores da história da literatura portuguesa e está presente na instituição do Curso Superior de Letras em Portugal (em meados do século XIX), em que as literaturas modernas aparecem subdivididas em literaturas do “Meio-Dia da Europa” e do “Norte da Europa” (cf. Braga, 1902: 196-8).

Como observa Pierre Bourdieu, esta geografia literária, devedora da “retórica da cientificidade” da teoria dos climas, apoia-se num conjunto de fantasmas sociais, numa mitologia escondida que impõe simbolicamente o Norte (masculino/mestre) ao *Midi* (feminino/escravo) (1982: 227-39).



Estamos, deste modo, perante “espaços ideológicos” que funcionam como elementos de exclusão<sup>7</sup>.

Em *Europe (in Theory)* (2007), Roberto Dainotto desenvolve esta oposição, que considera resultante do “imperialismo interno” que a Europa desenvolveu a partir do século XVIII em relação aos países meridionais, nomeadamente através do retrato negativo que divulgou acerca de Portugal, da Espanha, da Grécia e da Itália, em contraposição com a visão positiva acerca dos países do Norte. No seu entender, a Europa não se construiu apenas contra o “Oriente”, mas também em oposição à sua periferia, às suas “margens”. A história, a literatura e a filosofia estiveram assim ao serviço da “invenção” geocultural e geopolítica das “duas Europas”<sup>8</sup>, cuja continuidade

---

<sup>7</sup> R. Koselleck sublinha que estas “duas europas” funcionam como “conceitos antónimos assimétricos” (Helenos vs. Bárbaros, Cristãos vs. Pagãos), isto é, como factores identificadores “dont la fonction est d’ exclure toute reconnaissance réciproque.” (2000: 192).

Bourdieu e Koselleck convergem com o sociólogo Immanuel Wallerstein, que classifica as oposições do tipo Este/Oeste ou Norte/Sul como “ideological spaces”: “If we use the term, we all know it refers to contemporary division of the world that is political, military, cultural, and above all ideological. We know that there has been a so-called cold war between East and West, and that currently many consider this cold war to have ended.” (1991: 141).

<sup>8</sup> Segundo Dainotto, “there is a similary damaging assumption that the archive of European theory is located somewhere between Franco-Scottish Enlightenment and Anglo-German Romantic nationalism.” (*id.*: 5); “The idea

espaçial se fracturava numa oposição temporal, estando o Norte no centro da modernidade e o Sul numa periférica e ancestral pré-modernidade<sup>9</sup>. Aliás, como observa Eduardo Lourenço, a Europa é definida mais pelo que não é, ou seja, pela comparação com o Outro, com o que não é a Europa, e com a Europa “periférica”, que lhe desenha as margens (1994: 39-40). Mas, continua, a Europa não é essa “pátria da Razão” com que outras culturas vizinhas dialogam:

“Não é a Europa a pátria da “racionalidade”, é a *racionalidade* ou uma sua expressão histórica que no *interior da Europa* – e, com mais razão outrora, fora dela ou nas suas margens – ‘define a Europa’. “ (*id.*: 58); “Foi com essa ‘Europa’, no fundo sem outro conteúdo que pudesse justificar qualquer emulação ou fascínio a não ser esse de ser habitada por criadores de novos conhecimentos, saberes ou artes que os que os não possuem desejam possuir ou usufruir, que a ‘outra’ Europa, ou a não-Europa no interior ou no exterior dessa Europa, desejou

---

of the defective Europeaness of the south that has shaped the policies of the two-tier Europe” (*id.*: 6). Estes preconceitos, continua, fazem parte da “retórica do inconsciente” da Europa há três séculos (*id.*: 10).

<sup>9</sup> “A modern European identity, in other words, begins when the non-Europe is internalized – when the south, indeed, becomes the sufficient and indispensable *internal* Other: Europe, but also the negative part of it.” (2007: 4).

comunicar a partir do momento em que se tornou lugar de saber e de invenção.” (*id.*: 59).

Ora, é esta assimilação de uma Europa hegemónica, em sentido político-militar e económico, com a ideia de que é a “pátria da razão” que, no entender de Eduardo Lourenço, se tornou abusiva. Fundou-se na modernidade com base na ideia de que o único critério da autêntica distinção era o saber e a ciência, diferenciando-se assim as nações que possuem ou não esse capital simbólico e cultural. O que distorceu as relações culturais entre as “duas europas” foi, com base no “discurso das Luzes”, no empirismo inglês ou no idealismo alemão, “a ideia mítica de uma *cultura* mais intrinsecamente *universal* que outra, ou a de um modelo cultural que em dada época se auto-identificou com a ‘universalidade’ e foi percebido por outros como realmente universal ou, pelo menos, exemplar.” (*id.*: 61)<sup>10</sup>.

É, por isso, imperativo redesenhar estas fronteiras literárias e culturais, o que implica um modo diferente de cartografar e um novo olhar, para libertar as literaturas europeias meridionais dos conceitos “imaginários” que, sob a capa da geografia ou da velha teoria dos climas, lhe deram um rosto

---

<sup>10</sup> Por isso, Eduardo Lourenço procura reabilitar a “racionalidade” específica do pensamento peninsular, que no seu entender “configura uma outra perspectiva que é também *crítica radical do mundo* , mas sob o modo ético-religioso.” (*id.*: 62).

arcaizante. É necessária uma leitura do Norte a partir do Sul e uma releitura do Sul com base numa “epistemologia do Sul”<sup>11</sup>.

Como vimos em estudo anterior, a comparação entre o Norte e o Sul da Europa foi uma questão central e fundadora no discurso da história literária oitocentista em Portugal<sup>12</sup>. A cartografia das literaturas europeias, elaborada pelos irmãos Schlegel e M.me de Staël, estabelecida com base no pressuposto de que as literaturas do Norte da Europa (românticas) eram originais e as literaturas do Sul se pautavam pelo seu carácter imitativo relativamente às literaturas grega e latina, conduziu os primeiros historiadores da literatura portuguesa à ideia de que esta não tinha originalidade. O próprio fundador da história da literatura portuguesa moderna, Teófilo Braga, seguiu inicialmente esta perspectiva. No entanto, quando adoptou uma perspectiva

---

<sup>11</sup> Referimo-nos à “epistemologia do Sul”, numa acepção global, de Boaventura Sousa Santos, que defende uma racionalidade cosmopolita e que funcione como uma “ecologia dos saberes” (2006). O Sul, como sublinha Boaventura Sousa Santos, enquanto “metáfora cultural”, tal como o Oriente, é um produto do império, e ambos são vítimas da sua dominação cultural e económica: “A transformação capitalista da modernidade ocorreu sob uma dupla dicotomia – Norte-Sul e Ocidente-Oriente” (2000: 340). Mas o Sul, seja o do centro (o Sul do Norte) ou o da periferia (o Sul propriamente dito), é um possível local de emancipação. Nos países do centro, “a subjectividade do Sul constitui-se, acima de tudo, através da desfamiliarização relativamente ao Norte imperial”, cuja pretensa universalidade deve ser rejeitada (*id.*: 341-2). Cf. 1996: 243-299 (“O Norte, o Sul e a Utopia”).

<sup>12</sup> Cf. Cunha, 2002.

meridional (a ideia da latinidade ocidental, de origem comtiana), passou a defender que afinal a literatura nacional era fecunda e original, porque se inseria numa tradição secular e autónoma. A literatura portuguesa foi deste modo apreciada à luz de dois “imaginários geográficos” distintos e a transição de um para outro foi decisiva para a sua valorização.



## II- As fronteiras da literatura nacional

Na sua génese, o conceito de literatura é inseparável da emergência dos Estados-nação. Os românticos estabeleceram uma forte interligação entre a produção literária e os espaços nacionais. Mas, nas últimas décadas, vários estudos têm demonstrado as aporias da caracterização das literaturas nacionais, na medida em que são construções retrospectivas que aplicam à literatura factores extrínsecos (o nacional, a língua nacional, factores geográficos, etnológicos e políticos) e não critérios autónomos (géneros literários, formas, temas, motivos). Numa Europa em que as fronteiras dos Estados-nação raramente coincidem com delimitações linguístico-etnológicas ou com "fronteiras naturais", a noção de literatura "nacional" revela-se assim dotada de um peculiar “imaginário geográfico”, mediante a transposição para a literatura dos conceitos territoriais da geografia.

Na realidade, o espaço literário tem a sua própria cartografia, com os seus centros e periferias, numa dimensão transnacional e internacional. Um *mappa-mundi* das literaturas

nacionais, em que as línguas e as nações coincidam, não teria assim qualquer validade em termos diacrónicos e é mesmo discutível numa lógica sincrónica, na medida em que se revelará atomista (não dá conta das interferências e dos reagrupamentos), eclético (v.g. Suíça, Bélgica, Península Ibérica) e anacrónico, para além de escamotear a pluralidade interna das tradições literárias<sup>13</sup>.

A dificuldade do estabelecimento de um critério uniforme e satisfatório para o conceito de "literatura nacional" é um tema recorrente num dos mais influentes comparatistas da primeira metade do século XX em Portugal, Fidelino de Figueiredo. Este historiador da literatura e ensaísta trabalhou todas as hipóteses, acabando por se refugiar numa "solução" de tipo idealista, ao definir a literatura como "a expressão artística dum espírito nacional [a matéria] numa língua nacional [a forma]", com "um escôpo dominador, a emoção de arte", apenas admitindo como "manifestação literária plena a aliança de pátria, língua e fim artístico." (1935: 17-8). Deste modo, exclui da literatura

---

<sup>13</sup> O problema deriva do facto de "traiter les problèmes en termes de réalité et même de territorialité. En fait, c' est de représentation qu' il s' agit ici, représentation sensible, en tant que telle, au prestige et à la puissance du support utilisé." (Beyrie, 1994: 82). Assim, Jacques Beyrie conclui que a especificidade da literatura não resulta das propriedades linguísticas, mas do seu uso na vida social, da existência de uma "ideologia da literatura" (*id.*: 223).



portuguesa obras sem intenção artística e secundariza a base territorial do conceito de nacionalidade, por entender que tem uma extensão retrospectiva: "torna-se numa espécie de absorvente imperialismo espiritual sobre o passado." (*id.*: 16). Em contrapartida, destaca a importância da diferenciação humana<sup>14</sup>.

Porém, confrontado com a dificuldade do critério linguístico, adopta uma solução pouco convincente em relação aos critérios que defendeu:

"Pode um espírito nacional expressar-se em língua não nacional, como é o caso de portugueses e espanhóis que se expressaram em latim, grego, hebraico e nas línguas fronteiriças, mas neste caso, mesmo quando haja realização artística, temos literatura portuguesa e espanhola *manquée* como expressão e comunicação. Serão zonas anexas ou sub-regiões." (*id.*: 17).

Este critério conduz à exclusão para essas zonas "baldias" de um conjunto significativo de textos até ao século XVII, em virtude do bilinguismo de muitos escritores. Suscita também com frequência a disputa de autores ou da prioridade de certos textos (v.g. o *Amadis*) e tradições. Sá de Miranda, por exemplo, é estudado por F. Bouterwek num capítulo da literatura espanhola e depois na literatura portuguesa.

---

<sup>14</sup> Cf. 1935: 21-2; 182; 1918: 71-82 e 1930: 41-74.

Por outro lado, o critério da língua conduziu Fidelino de Figueiredo ao não reconhecimento da autonomia nacional das literaturas hispano-americanas:

"É indiscutível que a língua é por si todo um mundo de nacionalidade: contém uma historia nacional, uma psychologia nacional, uma esthetica nacional, é uma resultante do passado e um reflexo do presente" (1918: 72).

Dessa forma, para existirem plenamente, a literatura brasileira e as literaturas hispano-americanas, tinham que desapossar o "génio" da língua original e colocar-lhe lá um novo "génio" (*id.*: 74).

No entanto, essa evolução autónoma exigia um capital literário próprio, que demorava algum tempo a construir:

"Se compararmos o que no Brasil se chama a historia da litteratura brasileira com a historia da litteratura portuguesa, encontraremos tantos e tão evidentes pontos de comunhão que difficil nos será extremar differenças." (*id.*: 75-6).

Deste modo, conclui que "terá o critico de se conformar com o seu aspecto juridico, apenas pondo reservas e restricções de alguma vez se crearem tradições intellectuaes, artisticas e

historicas tão intensamente originaes e *nacionaes* que apaguem a comunidade assimiladora que a lingua estabelece." (*id.*: 80)<sup>15</sup>.

Porque tinha consciência da complexidade destas questões, Fidelino de Figueiredo acabou por rever os seus critérios, precisamente a propósito da epopeia. Nas suas palavras, por ser um "poema de comunhão mais civica ou de unificação nacional", o poema épico exige uma aplicação mais rigorosa do critério nacional (1987: 33-7). Por um lado, acaba por considerar demasiado restrito o critério jurídico da nacionalidade dos autores para que apontava em 1917, tendo em conta a existência de literaturas diversas com uma língua em comum e o facto de alguns autores se terem celebrizado ao escreverem numa língua estrangeira, como Jorge de Montemor, que Fidelino de Figueiredo diz pertencer à literatura espanhola. Quanto aos autores bilingues, afirma que pertencem a mais do que uma literatura, como Gil Vicente. Em relação à "existencia de varias litteraturas nacionaes

---

<sup>15</sup> O critério linguístico acarreta assim dois problemas de alcance distinto, um respeitante à delimitação das literaturas nacionais e o outro relativo à inclusão nessas literaturas de autores bilingues: "para o primeiro caso o problema é uma questão de limites das litteraturas nacionaes; para o segundo, uma questão de nacionalidade litteraria deste ou daquele auctor." (Figueiredo, 1918: 72).

Porém, se neste estudo resolve aceitavelmente o segundo problema, não tendo incluído Jorge de Montemor na sua *História da Literatura Clássica*, por considerar que pertence à literatura espanhola, acaba por negar autonomia à literatura brasileira e às literaturas hispano-americanas em geral.

expressas numa mesma lingua" (*id.*: 34), afirma que a solução encontrada em *Pyrene* (1935) era demasiado abrangente, apoiando-se agora numa dimensão idealista, ao conceder a prioridade ao "espírito nacional":

"Antes da lingua, ha outra realidade: a alma, o espirito nacional que a cria, a trabalha e a idealisa, como o objecto é anterior á sua imagem no espelho" (*ibid.*).

Este critério, porém, revela-se contingente, pois exige uma apreciação caso a caso para "buscar a essencia nacional, a significação intima da obra, o que contem de espirito e de intuito nacional", pelo que "nesse genero de estudos a peça principal é a agudeza do critico." (*id.*: 35). Nesta lógica, e apoiando-se na sua "agudeza", defende que Gil Vicente, Sá de Miranda, Camões e Manuel de Faria e Sousa são fielmente portugueses, mesmo quando escrevem em castelhano. Pensa ainda que Uriel da Costa e Leão Hebreu devem ser incorporados na literatura portuguesa, que é a "historia da alma portuguesa e suas tribulações"<sup>16</sup>, não

---

<sup>16</sup> "Solução para esse difficil problema das fronteiras litterarias: recordar que a litteratura é a elaboração artistica duma lingua por um espirito nacional continuo e necessitado de expressão, mas não desprezar as contribuições em lingua estranha, quando ellas representem mais a intromissão dum espirito nacional noutra lingua do que a assimilação dalguns exóticos temperamentos artisticos por essa outra lingua, incorporando-os a essa tradição propria" (*id.*: 35).

obstante admitir que há um Francisco Manuel de Melo inteiramente espanhol.

Por fim, pensa ser necessário distinguir o critério nacional nos países europeus e nos países americanos, pois nestes predominou o desejo de separação moral das velhas metrópoles coloniais e naqueles uma tendência aglutinadora dos valores "que de uma patria e de um espírito nacional receberam a promoção inicial." (*id.*: 36).

Observa-se assim que a solução idealista (a literatura como expressão de um "espírito nacional", mesmo que em línguas diferentes) apenas desloca o problema das fronteiras para um plano cultural, à mistura com alguma metafísica (o "espírito nacional"). Com efeito, a definição deste *quid* nacional não se revela menos problemática do que o estabelecimento dos limites materiais, na medida em que abrange épocas históricas e literárias distintas e uniformiza os autores e as suas obras à luz dessa tradição nacional, pressuposta e discutida, marginalizando os que lhe escapam (os "desterritorializados") e homogeneizando o que os diferencia, quer em termos de estilo individual, quer epocal, fazendo da literatura um epifenómeno da "cultura nacional". Com efeito, o conceito de "génio nacional" revela-se intrinsecamente circular e a sua definição é polémica, com a particularidade de excluir as produções literárias que não se encaixem nessa definição. Por outro lado, há um conjunto diverso de definições dessa identidade nacional, o que em última instância torna a

questão indecível. A concepção idealista, por exemplo, pressupõe uma definição do "espírito nacional" que, a existir, deveria ser deduzido da análise de todos os textos literários. Por consequência, em virtude da diversidade do fenómeno literário, qualquer síntese do "espírito nacional" tende a ser redutora, em particular em relação à literatura. O espaço “nacional” funciona deste modo como uma construção operada no espaço textual, que narra/organiza e selecciona, e confere sentido ao nacional, com base na sua história e no cânone das obras que melhor representam esse “espírito” nacional.

O conceito de “nação” da história literária intersecciona-se com o “imaginário político” dos séculos XVIII e XIX, tendo sido moldado pelo princípio da soberania nacional, de teor revolucionário, que emergiu com a Revolução Francesa, e pelo princípio das nacionalidades, de pendor conservador e de matriz alemã. Neste caso, a “literatura nacional” (língua, história, tradições, etc.) funciona como signo de autonomia e diferença, associando-se desde Herder o conceito de nação a um padrão étnico-cultural (povo, língua e tradições). Se em Portugal o processo de construção do Estado-Nação se inspira no modelo francês e no alemão, não há dúvida que o primeiro se aplicou lentamente, ao passo que o segundo se impôs desde o início, devido ao papel dos fundadores do romantismo português. Almeida Garrett procurou fundamentar a cultura nacional com base no “espírito” e na “literatura” populares, ao passo que Alexandre Herculano, se voltou para a “nacionalização” da

cultura (das tradições populares, das lendas e narrativas nacionais), procurando ambos superar a hegemonia da literatura e da cultura clássicas.

Assim, a ideia da literatura nacional enquanto entidade original e autónoma acabou por conduzir a uma “revolução estética” nas nações europeias, gerando um novo “imaginário geográfico”, que conduziu a um descentramento histórico, geográfico e social:

“À l’ Antiquité gréco-romaine sont substitués les âges barbares, au monde méditerranéen l’ Europe du Nord, aux salons de l’ élite raffinée les chaumières rustiques. Une nouvelle théorie de la culture est formulée, qui permet de poser le national comme principe créateur de la modernité.” (Thiesse, 1999: 23).





### III- A produção do espaço literário

O movimento da geografia pós-moderna ou crítica (David Harvey, Edward Soja, Doreen Massey), a geografia cultural e a influente teorização de Michel Foucault e Henri Lefebvre, que conduziu a uma dialectização do espaço, contribuíram decisivamente para a “viragem espacial” (*the spatial turn*) nas ciências sociais e humanas a partir dos anos setenta do século XX<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Cf. Ayers, 2010: 1-2. Como sublinha Fernando Cabo, esta perspectiva liga-se a uma análise crítica da globalização que procura adaptar a análise marxista aos requisitos das novas condições do mundo contemporâneo, deixando uma marca profunda no estudo das identidades culturais (2004: 27).

Edward Soja defende a articulação entre a imaginação geográfica e histórica, a “reafirmação de uma perspectiva espacial crítica na teoria e na análise sociais contemporâneas”, “de modo a abrir espaço para o discernimento de uma geografia humana interpretativa, para uma hermenêutica espacial” (1993: 7-8) que nos revele “como as relações de poder e disciplina se inscrevem na espacialidade aparentemente inocente da vida social, e de como as geografias humanas se tornam repletas de política e de ideologia.” (*id.*: 13).

Por outro lado, o descrédito das “grandes narrativas” da modernidade (Jean-François Lyotard) e a espacialização do tempo e da historiografia no pós-modernismo (como regista Fredric Jameson), traduziram-se na primazia concedida à dimensão espacial, sobretudo no âmbito dos estudos pós-coloniais e da literatura comparada. A actual orientação espacial dos estudos literários (e da história literária, em particular) verifica-se sobretudo pelo uso de modelos espaciais, omnipresentes na literatura comparada e nas recentes versões da “literatura mundial/global”. Nesta nova orientação espacial, destacamos três dimensões:

- a) em primeiro lugar, o uso de metáforas espaciais que têm caracterizado o discurso social, antropológico, cultural e literário das duas últimas décadas nos E.U.A.<sup>18</sup>: v.g.

---

<sup>18</sup> O renomado especialista em geografia humana, Neil Smith, mostra-se muito crítico em relação a esta proliferação metafórica:

“Much social and cultural theory in the last two decades has depended heavily on spatial metaphors. The myriad ‘decenterings’ of modernism and of reputedly modern agents (e.g., the working class), the ‘displacement’ of political economy by cultural discourse, and a host of ‘other’ moves have been facilitated by a very fertile lexicon of spatial metaphors: subject positionality, locality, mapping, grounding, travel, (de/re)centering, theoretical space, ideological space, symbolic space, conceptual space, spaces of signification, territorialization, and so forth. If such metaphors functioned initially in a very positive way to challenge, aerate, and even discard a lot of stodgy thinking, they may now have taken on much

cartografar, mapear, fronteiras, centro/margens, re/desenhar, localização, espaço teórico, espaço discursivo, etc. Esta tendência é visível em muitos estudos de referência:

-*The location of culture* (Homi K. Bhabha, 1994);

-*Redrawing the Boundaries* (Stephen Greenblatt e Giles Gunn, ed.s, 1992);

-*Reading North by South* (Neil Larsen, 1995).

- b) em segundo lugar, a dimensão espacial domina a própria organização discursiva (em detrimento da narrativa cronológica), sobretudo a partir de um modelo hipertextual (com uma organização topográfica, ou adotando uma periodização espacial, v.g.);
- c) em terceiro lugar, esta orientação manifesta-se pelo recurso a modelos espaciais (da geohistória de Braudel à geografia cultural), conduzindo, em última instância, a uma “geografia literária”, ora para observar as

---

more independent existence that discourages as much as it allows fresh political insight. (...) To the extent that metaphor continually appeals to some other assumed reality as known, *it* systematically disguises the need to investigate the known [at hand]” (Neil Smith, 1992, *apud* Tanoukhi, 2008: 613).

representações do espaço na literatura/ficção, ora para localizar ou situar a produção literária no espaço, como se observa com Franco Moretti:

*-Atlas of the European Novel: 1800-1900,*

*-Graphes, Cartes et Arbres. Modèles abstraits pour une autre histoire de la littérature.*

Esta articulação, que secundariza a tradicional perspectiva temporal/cronológica, tem um efeito produtivo, como observa Moretti: “Geography is (...) an active force, that pervades the literary field and shapes it in depth” (1999: 3). É neste pressuposto que assenta a sua proposta de constituição de uma “geografia literária”:

“Making the connection between geography and literature explicit, then—mapping it: because a map is precisely that, a connection made visible—will allow us to see some significant relationship that have so far escaped us” (*ibid.*).

Trata-se, de certo modo, para adoptarmos a teorização de Henri Lefebvre, da “produção do espaço” (2000). A história literária, na medida em que está ligada às representações do espaço, que são práticas codificadas vinculadas ao saber e ao poder (político, económico e epistemológico), tem um papel

preponderante na produção dos espaços literários e das respectivas representações. Com efeito, a geopoética e a poética histórica românticas vinculavam a produção literária aos espaços nacionais e estabeleceram mesmo, como referimos atrás, uma cartografia literária europeia que contrapunha as literaturas do Norte às literaturas do Sul. A recente reemergência do conceito literatura mundial/global articula-se com o processo da globalização, e de modo particular com a internacionalização do mercado literário. No mundo anglófono, o “transnational turn” dos estudos literários resulta, segundo Paul Jay, dos próprios fenómenos gerados pela globalização (migrações, experiências inter-culturais, histórias de desterritorialização, vivências pós-coloniais):

“These changes have had the salutary effect of helping us recognize that we create the spaces we study. I argue that as scholars and critics complicate the traditional attention we pay to nation-state locations by focusing our attention on transnational spaces and regions, we need to develop a clear sense of the constructedness of these regions.” (2000: 8).

Em termos epistemológicos, foi o *spatial turn* que permitiu esta transição, na medida em que secundarizou a dimensão histórica (como sucedeu com o pós-modernismo e o pós-colonialismo) e permitiu uma visão sincrónica da literatura mundial/global em termos espaciais/transnacionais. Ao mesmo tempo, os estudos pós-

coloniais e a literatura comparada denunciaram a existência na história literária tradicional de uma *temporalidade espacializada*, manifestando a consciência de que o espaço é também um produto da história. Walter Mignolo, por exemplo, sublinha o facto de a epistemologia moderna/colonial ter construído modelos com base numa espacialidade aparentemente neutra, mas que revela uma temporalidade subjacente, de matriz iluminista, associando o centro do “sistema-mundo” ao progresso/adiantamento e a sua periferia ao atraso histórico<sup>19</sup>. A “viragem espacial” actual faz-se assim acompanhar da superação da temporalidade iluminista (associada à ideia de progresso) e moderna e do capital cultural e simbólico que a sustenta, a literatura europeia/ocidental, que se apoia num modelo narrativo/teleológico gerador de uma superioridade (diferença) colonial/imperial<sup>20</sup>. De forma quase paradoxal, segundo Mignolo, a última etapa da globalização está a tornar possível uma transformação radical da epistemologia ao chamar a atenção da relação entre os espaços geográficos (configurados pelas histórias

---

<sup>19</sup> Cf. 1997 e 2002.

<sup>20</sup> Segundo Walter Mignolo, o tempo é o símbolo triunfante da modernidade, do sistema moderno/colonial (com a sua macro-narrativa do progresso, da civilização ocidental e do seu desenvolvimento) (2002: 168), pelo que superar a diferença colonial implica também pensar em coisas diferentes da história e da literatura (*id.*: 186). Torna-se assim premente, segundo este autor, a existência de uma nova epistemologia, uma “epistemologia fronteira”, que se anuncia para o futuro e é ao mesmo tempo a deslocação da epistemologia cartesiana (cf. 2003).

coloniais) e as localizações epistemológicas, transformando a prioridade da progressão linear e temporal numa simultaneidade espacial de histórias locais inter-relacionadas, com sujeitos locais diferenciados (1997: 3-5).

Nirvana Tanoukhi sublinha que a produção do espaço depende sobretudo do “efeito produtivo” da escala geográfica (nacional, regional, global, etc.), ligada à dimensão física e humana do território. Esta escala, afirma, é uma construção do geógrafo, num processo que estabelece distâncias duplamente, diferenciando os espaços de modo qualitativo e quantitativo<sup>21</sup>. É assim a escolha de um dado critério ao nível da produção da escala geográfica que “faz o espaço”<sup>22</sup>. Este é, curiosamente, um postulado explícito de um conjunto de histórias literárias

---

<sup>21</sup> Distinta das escalas cartográfica (grau de abstracção com que um mapa é construído) e metodológica (os dados empíricos existentes dão origem ao mapa possível), a escala geográfica é um processo que estabelece distâncias duplamente, diferenciando os espaços qualitativamente e demarcando as fronteiras quantitativamente (Neil Smith, *apud* Tanoukhi, 2008: 603).

<sup>22</sup> Por isso, considera que só uma teorização da escala permitiria formular o papel da literatura e da análise literária na história da produção do espaço (2008: 600-3). Daí a necessidade de a história literária se afastar simplicidade da escala cartográfica, de exercer um espírito crítico perante a abundância de “metáforas espaciais” pouco rigorosas que ocultam as suas fronteiras, para perceber os territórios da literatura, numa aproximação aos espaços tal como os encontramos (*id.*: 614).

comparativas, que adoptam um modelo espacial e transnacional<sup>23</sup>. Deste modo, afirmam a sua capacidade de configuração de novos espaços literários e culturais, como sustenta, por exemplo, Mario Valdés, um dos maiores mentores deste novo modelo, que coordenou com Djelal Kadir os três volumes de *Literary Cultures of Latin America. A Comparative History*:

“Societies produce space as ‘territory’, as manifestation of culture.”; “Mapping has always being a way to make something exist for imperial eyes. And geography has been called the imposition of knowledge on experience in a specified landscape.” (Valdés, 2002: 96)<sup>24</sup>.

Valdés escreveu também o estudo introdutório do projecto para a elaboração de uma história comparada das literaturas na Península Ibérica (2004d) e é referido como modelo pelos coordenadores de *Comparative Histories of Nordic*

---

<sup>23</sup> Pretende-se, de acordo com as palavras Marcel Cornis-Pope, desafiar as histórias da literature tradicionais, de base nacionalista: “Moving beyond the boundaries of national literatures, historical trends, and generic divisions, seeking instead those ‘junctures’ or ‘nodes’ that allow for a cross-cultural interpretation” (2008: 41-2).

<sup>24</sup> Estes três volumes foram publicados em 2004 e tiveram 242 colaboradores, de 22 países.



*Literary Cultures*. Steven Sondrup afirma claramente que foi este modelo espacial que contribuiu para a construção do próprio espaço literário que pretendem estudar:

“This attention to shared territorial space, though, is more than simply the specification of the terrain on which our story will play itself out. It is rather a means of productively drawing on the insights that spatial, topographic, or geographical aspects implicit in human institutions and practices offer.” (Sondrup, s/d: 3).

Esta orientação espacial emergiu em 1986, no âmbito de um projecto patrocinado pela *International Comparative Literature Association*<sup>25</sup>, a partir de *European-language Writing in Sub-Saharan Africa*<sup>26</sup> e *A History of Literature in the*

---

<sup>25</sup> Com início em 1967 e com 26 volumes já publicados (cf. [http://www.benjamins.com/cgi-bin/t\\_seriesview.cgi?series=CHLEL](http://www.benjamins.com/cgi-bin/t_seriesview.cgi?series=CHLEL); acedido em 9/3/2011). O objectivo da I.C.L.A. era a elaboração de uma história comparativa das literaturas em línguas europeias de todo o mundo, desde o Renascimento e com um ponto de vista internacional. Tem assim, à partida, uma grande limitação, que resulta do facto de o projecto se restringir às literaturas em línguas europeias.

<sup>26</sup> Gérard, Albert S., ed., 2 volumes, 1986.

*Caribbean*<sup>27</sup>. Em pleno século XXI, e após o exemplo iluminador de Valdés e Kadir, estabeleceu-se no projecto uma nova “subsérie” de obras que passou a ser dedicada ao estudo das culturas literárias de amplas regiões, como a *History of the Literary Cultures of East-Central Europe*<sup>28</sup>. Algo semelhante é *A Comparative History of Literatures in the Iberian Peninsula*, cujo primeiro volume (dos dois anunciados) foi publicado em 2010<sup>29</sup>. Prevista está também, em moldes semelhantes *A Comparative Histories of Nordic Literary Cultures*<sup>30</sup>.

Merece também um particular destaque, pelo predomínio de um modelo espacial, a obra *Literary Cultures in History. Reconstructions from South Asia*, coordenada por Sheldon Pollock:

---

<sup>27</sup> Nesse domínio, esta obra é inovadora: “It is the first comprehensive attempt to chart the Greater and Lesser Antilles and the Caribbean rimlands as one literary region.” (Arnold, 1994a: xiii).

Arnold, A. James, 3 volumes 1994, 1997, 2001; *Volume 3: Cross-Cultural Studies*, 1997; *Volume 2: English- and Dutch-speaking regions*, 2001. O primeiro volume tem outros coordenadores: *Hispanic and Francophone Regions*, Julio Rodriguez-Luis and J. Michael Dash (eds.), 1994.

<sup>28</sup> Com o subtítulo *Junctures and disjunctures in the 19th and 20th centuries*. Marcel Cornis-Pope e John Neubauer, ed.s; 4 volumes: 2004, 2006, 2007, 2010). Como sublinham os coordenadores, o seu trabalho filia-se no projecto de Mario Valdés (Cornis-Pope e Neubauer, 2004a: xi).

<sup>29</sup> Fernando Cabo, Anxo Abuín González e César Domínguez (ed.s) (2010).

<sup>30</sup> Steven Sondrup e Mark Sandberg (ed.s); cf. Sondrup, s/d: 3 e 8.

“To understand literature in relationship to a place, accordingly, is as much a matter of understanding how literature can create places as it is a matter of understanding how it is created by them.” (2003: 11)<sup>31</sup>.

Mas a simples articulação entre o espaço e a história literária também conduz a uma problematização do espaço geográfico representado. Remo Ceserani, coordenador de um projecto para construir uma história literária da Europa - *Drawing a Map of a Literary History of Europe* –, em que o modelo cartográfico impera, sublinha estas dificuldades do próprio modelo e a sua natureza construtiva:

---

<sup>31</sup> “We observed earlier that members of the project started out from the conviction that literature may have produced Bengal and India and South Asia as much as South Asia and India and Bengal have produced literature; that literary representations can conceptually organize space, and the dissemination of literary texts can turn that space into a lived reality, as much as space and lived realities condition conceptual organization and dissemination.” (*id.*: 27).

Esta obra foi realizada por um grupo do *Social Science Research Council/American Council of Learned Societies*, coordenado por Sheldon Pollock (2003) (17 colaboradores, de 15 línguas diferentes).

“By ‘map’ we mean a general outline, a representation of the type that cartographers draw of continents and nations.” (2006: 169); “Like all cartographers, good or bad as they might be, we had first of all to choose the area that we wanted to describe and the scale and type of projection that we wanted to use.” (*id.*: 170).

É precisamente aqui que começam os problemas, com a necessidade de definir e delimitar a Europa, no âmbito da geografia física e humana:

“Europe is not easily defined and delimited, not only because it is geographically a part of a larger continent (Eurasia) and shows a certain contiguity with the Middle East across the Dardanelles and with North Africa across the Strait of Gibraltar, but also because of the remarkable historical changes that have affected its position and relation with the rest of the world.” (*ibid.*).

Dada a impossibilidade prática de elaborarem um mapa de todos os intercâmbios de temas, motivos, os autores optaram pela elaboração de vários mapas<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> “What we can do, with caution and good sense, is to build a good number of maps, showing some of the most interesting phenomena, with examples of some of the most permanent and some of the most transitional ones, with

Nesta tendência para o uso de modelos cartográficos, destaca-se ainda a construção de determinados “espaços marítimos”, perspectivados como pontos de convergência histórico-cultural, como em *The Black Atlantic* (Paul Gilroy, 1993)<sup>33</sup>, ou nos estudos mediterrânicos<sup>34</sup>.

Não deixa de ser significativo que as principais tendências do comparatismo actual sublinhem a necessidade de desterritorializar a literatura (nacional), para a sua reterritorialização. De facto, os Estados-nação e os nacionalismos europeus estão com frequência ao serviço de projectos imperiais, ligados à expansão colonial, pelo que a adopção de um modelo de história literária nacional em países pós-coloniais equivale à aplicação de um modelo colonial à história da cultura e literatura desses novos Estados-nação, impedindo o reconhecimento de

---

attention to the relationship between center and periphery, between dominance and dependence, between widespread and isolated ones.” (*id.*: 178).

<sup>33</sup> A editora Routledge criou mesmo uma série intitulada *Atlantic Studies*, que já conta com cinco títulos (cf. <http://www.taylorandfrancis.com/books/series/RRAS/>; acedido em 22/3/2011).

<sup>34</sup> Cf. o “pensiero meridiano” de Franco Cassano, 1996. Destacam-se ainda as seguintes obras: Gnisci, Armando e Durisin, Dionyz (ed.s) (2000)- *Il Mediterraneo. Una rete interletteraria*. Roma: Bulzoni; Anselmi, Gian Mario (ed.) (2000)- *Mappe della letteratura europea e mediterranea*, Milano: Bruno Mondadori.

valores culturais próprios<sup>35</sup>. Por isso, segundo Walter Mignolo, uma vez que modernidade e colonialidade são inseparáveis, as histórias literárias (se possíveis ou necessárias) têm de se tornar histórias do fazer e desfazer (descolonizando discursos) da diferença colonial no amplo domínio da escrita, superando o modelo eurocêntrico de literatura, história, filosofia, etc. O futuro pede assim uma multiplicação das histórias locais e a descolonização da história literária (2002: 183-4).

---

<sup>35</sup> Cf. Hutcheon, 2002: 14-5.

#### IV- Novas histórias, novos espaços

As últimas histórias comparativas da *International Comparative Literary Association* têm como principal objectivo a criação de uma perspectiva *transnacional* das culturas literárias regionais<sup>36</sup>. Esta vontade de superar o modelo nacional da história literária insere-se numa certa linha de continuidade com a trajectória da literatura comparada e da teoria da literatura, voltadas para o estudo da literatura geral e da literatura universal<sup>37</sup>.

No caso da história comparativa das culturas literárias da América Latina, por exemplo, os autores pretenderam registar a sua heterogeneidade cultural, as interacções das suas principais culturas - ameríndia, europeia e africana –, na sua diversidade espacial, dando conta dos diversos discursos em circulação,

---

<sup>36</sup> “Our treatment is ‘transnational’ rather than ‘comparative’” (Neubauer, Peleva e Maszák, 2007: 1).

<sup>37</sup> Estas disciplinas, por sua vez, retomavam, de certo modo, os ideais da “república das letras” renascentista e iluminista. Cf. Goodman, 1994.

numa perspectiva multidisciplinar (Valdés, 2004b: xx). O seu objecto de estudo não é apenas a literatura, mas a “cultura literária” da região, a fim de descrever o seu “imaginário cultural”. Apesar deste descentramento, Valdés continua a apoiar-se numa concepção expressivista da literatura, embora a transponha para uma escala regional/transnacional:

“Nuestra premisa historiográfica es que la literatura es expresión de determinados modos de vivir, pero que esta expresión no se queda circunscrita a sus orígenes sino que continúa siendo apropiada y reapropiada por sucesivas comunidades de lectores.” (Valdés, 2004d: 19).

Neste ponto, há um elemento inovador, porque os autores destas histórias comparativas concedem uma grande ênfase ao plano da recepção literária. Por outro lado, procuram dar conta de toda a “cultura literária”, que abarca as formas imaginativas diferentes pelas quais uma comunidade se identifica e os seus artefactos culturais. Assim, a cultura literária designa um trabalho interactivo de factores sociolinguísticos que tornam possível a comunicação e circulação de imagens, histórias e crenças. A cultura literária é deste modo concebida como um ramo da produção do imaginário comunitário<sup>38</sup>, pelo que se presta atenção

---

<sup>38</sup> “the term ‘cultural imaginary’ (...) refers to the relational matrix of ideas, images, concepts of representation, and, above all, beliefs that interact within



à forma como esses textos são lidos na sua cultura original, de acordo com o papel que têm na constituição da identidade social e estética da comunidade, como no caso da América Latina. Poderíamos objectar que este objecto de estudo é demasiado vasto. No caso da América Latina, por exemplo, é dado um grande relevo à cultura popular e às tradições orais indígenas, ao cinema e a formas discursivas não estritamente literárias<sup>39</sup>.

Outra ideia central destas histórias comparativas reside na reivindicação do direito/dever de produzirem um espaço novo, com base num *imperativo ético*: o de reconfigurarem a região de que se ocupam numa dimensão cosmopolita, de modo a evitar os nacionalismos. A cartografia destes novos espaços regionais resulta assim de um conceito construcionista e projectivo da “região”, a partir de uma perspectiva transnacional e anti-imperial<sup>40</sup>.

---

a community, thus giving identity to a multiplicity of discrete works as a symbolic whole. Further, throughout this history, we stress that the cultural imaginary is grounded in an empirical reality of language, land, people, and a way of life that together make up the cultural habitat.” (Valdés, 2004c: 1).

<sup>39</sup> Mas, os coordenadores da história das culturas literárias da Europa Central-Leste advertem que, apesar de simpatizarem com as mais recentes histórias culturais, lhes parece inviável, do ponto de vista prático, uma história cultural e multimédia de toda a região (Cornis-Pope e Neubauer, 2007a: x).

<sup>40</sup> Como sublinha Marcel Cornis-Pope, “regionalism is an complex and problematic concept, located somewhere between fiction and reality,

Neste contexto, esta nova região “imaginada” (a “Europa Central-Este”) passa a funcionar como uma espécie de um “terceiro espaço”, uma “terceira Europa”, numa versão de uma liminalidade (*in-betweeness*) entre localismo (defensivo) e globalização (nivelizadora), entre a Europa Ocidental e a Europa de Leste, entre o centro e a periferia, o global e o local:

Os coordenadores desta obra salientam assim a necessidade de rearticulação das histórias literárias dos vários Estados-nação desta região, o que implica um reexame dos mapas ideológicos que a marcaram e a desconstrução das suas cartografias imperiais:

“dynamic regionalism, treating East-Central Europe both as multi-center and ‘turning plate’ between two other major regions in Europe (Western and Eastern Europe)” (Cornis-Pope, 2008: 44)<sup>41</sup>.

Outra dificuldade desta orientação espacial resulta do facto de, como sublinha Endre Bojtár, as regiões dependerem da

---

manifesting itself as a continually but never quit fulfilled aspiration.” (2006a: 213).

<sup>41</sup> Cf. Cornis-Pope, 2006: 5-7.

perspectiva adoptada para a sua definição<sup>42</sup>. Nesta lógica, assumem explicitamente a pretensão de reconstruírem o espaço literário de que se ocupam, configurando uma nova região, voltada para o futuro:

“It’s ‘future-directedness’ means that the term is not based on any geographical or political given but is rather an invention whose reality must be constructed out of linguistic, religious, and ethnic elements that were differently grouped in the past (and many be grouped differently in the future by others). East-Central Europe is, like the nation states that compose it, an imagined community in Benedict Anderson’s sense of the phrase.” (2004 b: 13-4).

Porque consideram que a literatura e a história literária contribuíram para produzir os espaços culturais nacionais e tiveram um papel central na definição da região, traçando as suas fronteiras e a sua identidade, procuram agora colocá-las ao serviço de um novo espaço regional<sup>43</sup>. Para John Neubauer, é

---

<sup>42</sup> “Como escreveu o geógrafo Heinrich Schmittener, as regiões geográficas são como os períodos históricos: é impossível encontrar um princípio único que possibilite dividi-los objectivamente” (2007: 420; tradução nossa).

<sup>43</sup> “In addition to delimiting their topographical space, the literary productions of this area have also had to construct the imagined communities (...) of East-Central Europe, giving it the cohesion and continuity that it lacked historically.” (Cornis-Pope, 2006b: 375). Cf. Neubauer, 2007: 345-7.

necessário reescrever as histórias nacionais da literatura, devido aos novos contextos da globalização e da integração europeia, e sobretudo para combater os efeitos nefastos dos nacionalismos:

“At its best this reconceptualization may make a significant contribution to the social and political construction of the region: just as the writing of national literary histories participated in the invention of nations, so too the writing of a history of East-Central Europe may participate in the transnational construction of the region.” (Cornis-Pope e Neubauer, 2004b: 14)<sup>44</sup>.

Os coordenadores desta obra salientam assim a necessidade de rearticulação das histórias literárias dos vários Estados-nação desta região, o que implica um reexame dos mapas ideológicos que a marcaram e a desconstrução das suas cartografias imperiais:

---

<sup>44</sup> Há, por um lado, a reconciliação Leste-Oeste na Europa e, por outro, a adesão da Bulgária e da Roménia à Comunidade Europeia: “It is this internal reconnection that we wish to further in a modest way with our project.” Por isso, para os autores, o mais importante não é saber se a história literária é possível (como consenso), mas “whether a history can be instrumental in moving a transnational public towards morally and politically desirable consensus.” (Cornis-Pope e Neubauer, 2007a: ix). Cf. Neubauer, 2007: 345-7.

**-*Mitteleuropa***: conceito alemão, centrado nas culturas alemãs;

**-*Eastern Europe***: termo dos séculos XVII-XVIII, inventado pelos filósofos franceses do iluminismo, que sugere hegemonia russa e ganhou novo significado com a guerra fria;

**-*Central Europe***: desejo de uma federação desde meados do século XVIII, para evitar as tentações hegemónicas da Alemanha e da Rússia)<sup>45</sup>.

Como alternativa aos mapas imperiais do passado, propõem para esta região, com uma grande diversidade étnica, religiosa e linguística, o conceito de Europa Central-Este, cujo elemento comum reside na luta para evitar a hegemonia russa e alemã. Trata-se de uma região que, segundo Cornis-Pope, vai desde os países Bálticos até aos Balcãs (norte da Macedónia), entre a Alemanha/Áustria e a Rússia. Inclui a Europa Central eslava, a Moldóvia não eslávica, a Roménia, a Hungria e a Albânia<sup>46</sup>. Privilegiam, assim, em vez das nações, os “corredores

---

<sup>45</sup> Cornis-Pope, 2006: 4-6.

<sup>46</sup> Cf. 2008: 6-7, 41; “Defining East-Central Europe as a region struggling against neighboring hegemonic powers should not divert, of course, attention from the internal difference and internecine conflicts. The region’s remarkable ethnic, linguistic, and religious variety led to emancipatory struggles that were

multiculturais”, como o curso do rio Danúbio e os espaços regionais como “interfaces culturais” e transnacionais.

Este propósito revisionista está também presente em *Literary Cultures of Latin America*, região que no passado foi definida de diversos modos e é uma construção cultural<sup>47</sup>. De facto, é o único espaço continental cujo nome identifica a sua cultura (latina) e é a marca do poder imperial das nações ibéricas, tendo sido construído como consequência da necessidade de legitimação de uma ideologia política da Europa, nomeadamente do imperialismo bonapartista<sup>48</sup>. Por isso, Mário Valdés e Linda Hutcheon referem que o *imperativo moral* que presidiu a este projecto foi o de mostrar, simultaneamente, a diversidade e a complexidade dos contextos culturais, bem como os aspectos humanos que ligam os diferentes povos<sup>49</sup>.

Esta é também a “missão” de que se imbuíu o coordenador da *European-language Writing in Sub-Saharan Africa*, Albert Gérard, ao considerar que o Ocidente estava mal

---

as often directed against powers within as against the external domination.” (Cornis-Pope, 2006: 7).

<sup>47</sup> Cf. Hervé Théry, 2004: 3.

<sup>48</sup> Cf. Campuzano, 2004: xxxviii.

<sup>49</sup> Cf. 2004: xxx.

informado sobre as literaturas africanas e a sua riqueza, pelo que atribuía à literatura comparada essa tarefa urgente:

“to help dissipate the dark cloud of ignorance and misunderstanding between East and West.”; “The arrival of a whole continent on the world literary scene is a momentous event in the literary history of mankind.” (1986, vl. II: 1019).

Sheldon Pollock, coordenador de *Literary Cultures in History. Reconstructions from South Asia*, afirma que esta obra pretende obter uma reconfiguração da região, através da sua cultura literária, para superar a humilhação cultural do Sul da Ásia, vítima da “missão civilizadora” da Europa colonizadora e de uma impressionante marginalização na vida intelectual do Ocidente. Pretende assim mostrar a necessidade de se respeitar uma tradição com dois milénios e meio, expressa em várias línguas, desde a tradição manuscrita:

“with every conceivable degree of literary intricacy, texts were composed and preserved to embody the imaginative experience of South Asian peoples. This is a story of complex creativity and textual devotion with few parallels in history.” (2003: 30-1).

No projecto para *A Comparative History of Nordic Literary Cultures*. Steven P. Sondrup afirma que esta história

consiste numa tentativa e mesmo de um teste da validade de um modelo espacial da história da cultura literária, que visa narrar, numa perspectiva transnacional, as várias tradições literárias de um espaço literário que tem o seu quê de arbitrário: inclui a área que se estende em direcção ao ocidente desde a Finlândia e a Estónia, através da Suécia, Dinamarca e Noruega até às ilhas do Atlântico Norte, a Islândia e a Gronelândia, a oeste<sup>50</sup>. O outro coordenador da obra, Mark B. Sandberg, sublinha que a ideia de estudar as culturas literárias da região nórdica, na sua pluralidade, tem um carácter experimental:

“By beginning with the assumption that the literary cultures of the Nordic region are plural, sometimes discrete and sometimes overlapping, our project can approach a specific figural tradition as a kind of cartographic experiment, a way of rethinking the spatio-temporal cultural map of the North.” (Sandberg, s/d: 3).

No caso da *Comparative History of Literatures in the Iberian Peninsula*, Fernando Cabo atribui ao projecto um propósito revisionista, mediante a aplicação de um modelo geográfico/topográfico. A Península é concebida como um espaço literário (configurado), com uma complexa pluralidade de culturas, línguas, identidades, nacionalidades e populações (nomádicas, refugiadas e migratórias) (Feldman, 2010: 134-5),

---

<sup>50</sup> Cf. Steven P. Sondrup, s/d: 1-2.



nas suas relações com outros espaços, como o americano, o europeu, o africano, o mediterrânico e o atlântico. O resultado é uma espécie de mapa do *espaço literário* da Península Ibérica:

**\*Cidades, centros culturais e enclaves:**

- em Castela, (metonímia da) Espanha.
- nas “nacionalidades históricas” (enclaves) e nos seus centros culturais: País Basco, Catalunha e Galiza.

**\*Cidades, centros culturais e periferias (*extra-peninsulares e insulares*):**

- a construção da cidade literária na África lusófona;
- o Sul da Espanha;
- as ilhas Canárias;
- as ilhas atlânticas lusófonas: Cabo Verde, Madeira e Açores.

Como se afirma na introdução do primeiro volume, o objectivo desta história comparativa “não é tanto o de traçar um itinerário exaustivo das diferentes literaturas”, mas o de

proporcionar a compreensão da Península Ibérica como um quadro complexo e dinâmico de inter-relações (2010: XI). Dá, por isso, grande importância à questão do multilinguismo e da oralidade, às articulações entre os quadros temporais e os (inter-) sistemas literários:

“a decentralized and ‘multipolar’ approximation to the question being elaborated, resulting in the configuration of a literary map with defined contours by the end of six chapters.” (*id.*: xii)<sup>51</sup>.

É preciso, no entanto, observar que as histórias das literaturas nacionais, centradas numa narrativa (mais ou menos teleológica), que vai da Idade Média à Época Contemporânea, com os seus autores representativos e o seu cânone nacional, estão totalmente ausentes. É o que se passa, por exemplo, com a literatura portuguesa, na sua história e nas inter-relações que estabeleceu com outras literaturas/culturas. O mapa geográfico sobrepôs-se assim ao mapa histórico e apagou-o. O equilíbrio geohistórico defendido por Soja na geografia e preconizado por

---

<sup>51</sup> Num estudo preparatório desta publicação, Fernando Cabo reconhecia que literalmente não há uma comunidade interliterária ibérica, mas defendia que a busca de uma perspectiva transnacional abre horizontes onde se podem observar tensões, conflitos, dualidades, hibridizações e diferentes estruturas sistémicas, bem como relações com outros espaços (2003: 124.).

Valdés para a história da literatura comparada não foi aqui conseguido.

Outra grande questão que se coloca a estas histórias comparativas tem a ver com a organização discursiva adoptada na descrição das culturas literárias das vastas regiões de que se ocupam, uma vez que são abertamente contra o modelo narrativo da história literária tradicional. Por isso, o seu aspecto mais inovador reside no facto de optarem por modelos explicativos espaciais (geográficos/topográficos), em detrimento do tempo cronológico da narrativa tradicional (causal, organicista e teleológica), recorrendo a uma organização discursiva de tipo hipertextual.

Mas a delimitação do espaço implica um conjunto de opções complexas. Em relação à Europa Central-Este, estamos perante a maior diversidade cultural do mundo (religiosa, étnica e linguística), numa região marcada pela constante mudança das suas fronteiras multi-dimensionais<sup>52</sup>. A elasticidade e porosidade das suas fronteiras, em função de factores geoculturais, socioeconómicos e políticos (os vários impérios), não se deixa facilmente captar<sup>53</sup>.

---

<sup>52</sup> Cf. Valdés, 2004a: xiv.

<sup>53</sup> “Depending on what characteristic one looks at, the region’s border’s are simultaneous static, shifting, expanding, contracting, and overlapping.” (Magocsi, 2004: 19).

Deste modo, os problemas de uma história literária com uma perspectiva transnacional e transcultural são bem maiores do que aqueles que enfrenta a história literária tradicional, na medida em que é preciso dar conta de aspectos gerais e ao mesmo tempo das interações particulares de cada literatura com a sua cultura (contextualização)<sup>54</sup>. Para além da selecção do material de análise, torna-se necessária uma equipa de especialistas e uma estrutura global bem conceptualizada, sem o que uma obra desta natureza não passará de uma colecção de ensaios de tipo enciclopédico sobre tópicos que podem ser ou não históricos e em que se evita deliberadamente a sequencialidade e a coerência<sup>55</sup>.

A autoria colectiva das novas histórias literárias acentua a sua heterogeneidade, que resulta das diferentes perspectivas dos especialistas que nelas colaboram, facto que não sucedia com as histórias literárias tradicionais, de autoria individual. Deriva ainda do facto de hoje se privilegiar a multiplicidade e a micro-história, em detrimento da totalidade das “grandes narrativas”<sup>56</sup>

---

<sup>54</sup> Cf. Nünning, 2006.

<sup>55</sup> Cf. Cornis-Pope e Neubauer, 2004b: 16.

<sup>56</sup> Os coordenadores da *History of the Literary Cultures of East-Central Europe* tentam compensar esse carácter dispersivo com um conjunto de introduções e sínteses, que permitem um enquadramento geral dos vários estudos, provenientes dos cerca de 120 colaboradores.

Devido a este carácter fragmentário, David Perkins considera que o que falta a esta história literária pós-moderna<sup>57</sup> é mesmo a dimensão histórica:

"Because it aspires to reflect the past in its multiplicity and heterogeneity, it does not organize the past, and in this sense, it is not history." (1992: 60).

Com efeito, as novas histórias literárias comparativas que analisamos aqui evitam uma história unificada e procuram localizar as culturas literárias em espaços heterogéneos, pelo que se lhes pode aplicar a acusação de não produzirem *história*. Segundo David Perkins, esta é uma questão central relativa à possibilidade da história literária enquanto disciplina e o grande dilema que enfrenta todo o historiador da literatura:

"We must perceive a past age as relatively unified if we are to write literary history; we must perceive it as highly diverse if what we write is to represent it plausibly." (*id.*: 27).

---

<sup>57</sup> Perkins dá como exemplos da história literária pós-moderna a *Columbia Literary History of the United States* (1987), coordenada por Emory Elliot *et alii*, e a *New History of French Literature* (1989), organizada por Denis Hollier.

No entanto, os coordenadores da *History of the Literary Cultures of East-Central Europe*, em diálogo explícito com Perkins, colocam a questão ética acima da questão epistemológica:

“The primary inspiration for our project is thus an ethical imperative rather than an epistemological longing.” (Cornis-Pope e Neubauer, 2004b: 15).

Para a elaboração deste modelo espacial, Mario Valdés utilizou na história das culturas literárias da América Latina um conjunto de processos que têm na sua base a hermenêutica de Paul Ricoeur, como o conceito de pontos nodais:

- **temporais** (datas-chave, eventos centrais);
- **topográficos** (centros culturais, como as cidades com forte vida e influência na cultura literária);
- **institucionais** (escolas, academias);
- **figurativos** (o poeta como profeta, o nobre selvagem, etc.)<sup>58</sup>.

---

<sup>58</sup> Cf. Valdés, 2002: 70.

Valdés centra-se também no conceito de história do grupo dos *Annales*, que a concebe como o resultado da dialéctica entre o presente e o passado, defendendo por isso a necessidade de elaborar o contexto separadamente da narração.

“historical facts become events when they are contextualized. Empirical facts out of context do they gradually gain in meaning until they constitute historical events.” (Valdés, 2004a: xiii).

Por isso, o primeiro volume da *Literary Cultures of Latin America* é consagrado ao estabelecimento desse contexto: geográfico, demográfico<sup>59</sup>, linguístico e socioeconómico, procurando incluir uma pluralidade de vozes normalmente excluídas, a nível transnacional, no âmbito da escrita, da oralidade e das artes plásticas. O segundo volume desenvolve uma sinopse da produção da cultura literária, com a sua pluralidade de discursos e de modelos textuais (romance, poesia, *testimonio*, ensaio). O terceiro e último volume elabora uma espécie de descrição do imaginário cultural da América latina ao longo de cinco séculos<sup>60</sup>, nos seus modos de representação. Dá

---

<sup>59</sup> Ameríndios, escravos africanos, imigrantes asiáticos e europeus, com criouliização (sem segregação), mas com tensões raciais.

<sup>60</sup> Engloba a produção, recepção, distribuição, circulação, consumo de objectos literários, artísticos e culturais.

ainda relevo às conexões dos centros culturais com os espaços europeu e norte-americano, explicitando os momentos fundacionais dos seus Estados-nação e das suas fronteiras<sup>61</sup>.

Em termos da redefinição do espaço, Valdés parte da noção de centros culturais, que possibilitam um desvio em relação à perspectiva dos territórios nacionais e à ideologia continental, num retorno às “fronteiras” do moderno mundo colonial, na medida em que foram estes centros que conduziram à formação de zonas transnacionais de interação cultural<sup>62</sup>.

No caso da *History of the Literary Cultures of East-Central Europe*, como destaca Mario Valdés, o conceito de centro cultural foi decisivo, através da combinação da demografia, dos estudos urbanos e da história literária: “Its based on the idea of cultural centers like Prague, Leipzig, Danzig, and so forth as nodal points that function as centrifugal and centripetal attractors of artists and ideas.” (2002: 76). Os centros culturais coincidem, neste caso, com cidades multi-étnicas e

---

<sup>61</sup> Vozes épicas, narrativas de legitimação, invenção da história-monumento e das tradições e identidades nacionais. Como sublinham Doris Sommer e Maria Campos, “Inventing a tradition and building a national identity were two faces of the same coin.” (2004: 2).

<sup>62</sup> “The transnational, however, is not here a simple synonym for the regional – with its frequent associations of ethnic purity and cultural authenticity. It is, instead, in Latin America, the human, geographical, and demographical realm of the multiethnic and the multiracial.” (Valdés, 2002: 101). Cf. Mignolo, 2004: xviii.



“marginocêntricas”, que desafiam a hegemonia dos centros metropolitanos. São culturalmente híbridas, localizadas na encruzilhada de civilizações, funcionando como interfaces topográficos que atravessam as fronteiras nacionais, tornando-as permeáveis a fluxos transnacionais<sup>63</sup>.

Em síntese, estas novas histórias comparativas baseiam-se numa narrativa aberta, não linear, com referências cruzadas, como um hipertexto. É esta organização que Valdés declara seguir em *Literary Cultures of Latin America*:

“The full structure of the history is one of frame, synopsis, and the history of the cultural imaginary, but the inner trajectories are numerous with multiple, coordinated, historical trajectories or, in other words, a historical hypertext of literary cultures in Latin America.” (1999: 17).

Procura, deste modo, dar conta das discontinuidades e da complexidade do passado, sobretudo no plano da recepção, recorrendo a múltiplas sinopses e atribuindo ao leitor a responsabilidade final da interpretação<sup>64</sup>.

Os coordenadores da *History of the Literary Cultures of East-Central Europe* classificam esta estrutura como um

---

<sup>63</sup> Cf. Cornis-Pope, 2006: 5.

<sup>64</sup> Valdés, 2004d: 19; 2002: 70; 1999: 17.

processo de “multi-scanning” referente aos dois últimos séculos da produção literária na Europa Central-Este, que efectuam cinco vezes, de acordo com os cinco pontos nodais que seleccionaram:

- **históricos** (da política);
- **históricos** (da literatura: géneros e movimentos literários);
- **topográficos** (cidades, fronteiras, sub-regiões e áreas transnacionais);
- **instituições literárias**;
- **figuras/tipos**.

Há, assim, cinco histórias paralelas nesta obra:

“In lieu of a causal, organicist, and teleological plot, we decided to emphasize the interactive dynamic of ‘crossings’ and ‘nodes’ that bring together various traditions”; “In this last conception of the nodal, the meeting points become intra-national points of dispersion.” (Cornis-Pope, 2008: 42)<sup>65</sup>.

Como consequência da aplicação deste modelo, é privilegiada a exposição contígua dos “eventos”, que aparecem como numa espécie de “mapa” (um “efeito de mapa” ou um “efeito espacial”), que rompe com a crono/logia tradicional e

---

<sup>65</sup> Cf. Cornis-Pope e Neubauer, 2004b: 16; “To summarize, our history consists of a great many *microhistories*, i. e., of localized perspectival, and situated stories” (*id.*: 18).

gera um efeito “efeito de sincronia”, uma periodologia “espacial”<sup>66</sup>, centrada nos “nós temporais” postos em relevo. Esses marcos temporais, como os da história política, são colocados propositadamente numa ordem regressiva, para evitar qualquer hipótese de unificação teleológica e para sublinhar a heterogeneidade do fluir histórico transnacional<sup>67</sup>.

### **Nodes of political time:**

- 1989;
- 1956/1968;
- 1948;
- 1945;
- 1918;
- 1867/1878/1881;
- 1848;
- 1776/1789 <sup>68</sup>.

---

<sup>66</sup> “The nodes ask for horizontal (spatial) breath rather than a chronological length.”; “not as a coherent evolutionary narrative but as representations of temporalities experienced between and across regional cultures.” (Cornis-Pope e Neubauer, 2004c: 38).

<sup>67</sup> Cf. Neubauer, 2004a: 321-2.

<sup>68</sup> Os eventos seleccionados implicam quase sempre a redefinição das fronteiras da região.

- **1989**: colapso da União Soviética;
- **1956/1968**: revolta, supressão e liberalização na Europa Central-Este pós-estalinista;

Quanto à história literária, segundo John Neubauer, os períodos e géneros (normalmente importados do Ocidente), não servem, pelo que estabeleceram quatro grandes marcos, de pendor político:

- o “despertar das nacionalidades” (1800-1890);
- o modernismo (1890-1945);
- a dominação comunista (1945-1989);
- o período pós-1989, com o desmoronar da U.R.S.S.<sup>69</sup>.

- 
- **1948:** a cultura e o terror revolucionário;
  - **1945:** fim da segunda Grande Guerra; restauração de Estados que se alteraram antes da Guerra; dá-se a expansão da União Soviética e surgem os dois blocos europeus: Europa de Leste e Europa Ocidental.
  - **1918:** fim da primeira Guerra Mundial e colapso dos grandes impérios pós-napoleónicos: prussiano (depois império germânico); húngaro (depois austro-húngaro); otomano; russo.
  - **1867/1878/1881:** 1867: génese da monarquia austro-húngara; 1878: ocupação austríaca da Bósnia-Herzegovina; 1881: data importante para os Balcãs.
  - **1848:** várias revoluções (nacionalistas e liberais) falhadas (a “primavera dos povos”), inspiradas no triunfo da primeira República Francesa.
  - **1776/1789:** independência dos futuros Estados Unidos da América e Revolução Francesa; movimentos de autodeterminação.  
(cf. Cornis-Pope e Neubauer, 2004c: 33-38).

<sup>69</sup> Cf. Neubauer, 2004a: 321-2.

Não obstante o relevo concedido ao espaço, esta obra confere grande atenção à dimensão histórica, que nesta região é incontornável, em particular o tempo político. Como defende Marcel Cornis-Pope, a geografia não pode substituir a história, até porque a identidade cultural da Europa Central-Leste se tem baseado em diferentes narrativas e numa história caracterizada por periódicos abalos centrífugos e centrípetos: nacionalistas, federativos, regionalistas e imperiais (2006: 1).

No caso de *Literary Cultures of Latin America*, é a colonização que conduz ao estabelecimento de três períodos espaciais complexos:

- 1- o período da colonização (com diferenças de região para região e com muitas variáveis);
- 2- o período da descolonização (com várias épocas, de acordo com a região);
- 3- o presente período transnacional e a mudança de direcção das migrações globais (Mignolo, 2002: 169-70).

A perspectiva da colonização introduz assim uma dimensão espacial na periodização, para cartografar o movimento do capitalismo histórico e da colonização:

“Spatial periodization is here working at its best in the rearticulation of the colonial model in the conflictive process of nation-building and the remaking of the colonial difference.” (*id.*: 183).

*Literary Cultures in History. Reconstructions from South Asia* (Pollock, ed., 2003) tem muitas similaridades com estas histórias comparativas, e procura acima de tudo conjugar a historicidade com a dimensão espacial. Com efeito, esta obra tem uma estrutura baseada na justaposição de várias histórias que procuram dar conta das culturas literárias presentes nos vários espaços da região, de forma a mostrar as suas complexas interacções culturais<sup>70</sup>. A caracterização deste espaço cultural complexo conduz à recusa da cronologia ou de uma organização baseada nas famílias linguísticas dominantes.

---

<sup>70</sup> Dado o carácter milenar das culturas literárias da área delimitada, o coordenador afirma ter enfatizado o período anterior ao século XX (antes do colonialismo europeu), considerando que o momento pós-colonial representa apenas um pedaço de uma longa experiência histórica ligada à preservação de textos e de tradições que, segundo S. Pollock, torna esta região do mundo muito especial (2003: 32).

## V- O espaço literário global

A “produção do espaço” literário à escala mundial resulta em grande parte da recente re-emergência do conceito de literatura mundial (*weltliteratur*), em articulação com o fenómeno da globalização<sup>71</sup>. Nesta orientação para o global podemos distinguir duas grandes linhas condutoras, uma que procura elaborar uma “história mundial” da literatura e outra que busca a construção de uma história da “literatura mundial”:

- a) por um lado, temos a afirmação da necessidade de se projectar a história da literatura numa escala transnacional, depois da constatação do “ocaso da história literária” (Wellek, 1983) e da falência do seu modelo nacional.

---

<sup>71</sup> As tentativas de realização de histórias mundiais da literatura já vêm do século XIX, mas tratava-se sobretudo de compilações de histórias literárias nacionais, de pendor eurocêntrico (cf. Damrosch, 2008a: 486-8; Pettersson, 2008: 466-7).

- b) a segunda perspectiva tem a ver com a elaboração de uma história da “literatura mundial” e/ou global, em grande parte como consequência do impulso gerado pela internacionalização do mercado literário.

Estas duas linhas têm em comum o problema do modelo de “história” a adoptar. No primeiro caso, o da história literária transnacional e transcultural<sup>72</sup>, destacam-se os vinte e seis volumes da “Comparative History of Literatures in European Languages”, patrocinados pela *International Comparative Literature Association* e o projecto sueco para a elaboração de uma história literária transcultural, numa perspectiva global, intitulado “Literature and Literary History in Global Contexts”<sup>73</sup>. Os dois primeiros volumes dedicam-se ao conceito de literatura e à noção de género literário, em termos mundiais. Os restantes

---

<sup>72</sup> Para A. Petterson, “ ‘transcultural literary history’ (...) means literary history with no predetermined national or temporal limitations.” (2008: 463).

<sup>73</sup> O primeiro volume é de de natureza preparatória (*Studying Transcultural Literary History*, Lindberg-Wada, ed., 2006) e os restantes quatro centram-se em duas grandes questões teóricas e em estudos de natureza histórica (*Literary history: Towards a global perspective*, G. Lindberg-Wada, A. Petterson, M. Petter e S. Helgesson, ed.s, 2006, 4 vl.s).



dois reúnem um conjunto de estudos de natureza histórica sobre alguns intercâmbios literários transculturais a partir do século XIX, sobretudo de literaturas não ocidentais (chinesa, árabe, turca, africana, indiana e latino-americana). No conjunto, esta obra ilustra a grande dificuldade (a quase impossibilidade) de uma síntese histórica global capaz de dar conta das diferenças de todas as culturas literárias<sup>74</sup>. Com efeito, esta história literária transcultural não tem a pretensão de estudar todas as literaturas ao mesmo tempo ou de definir uma única metodologia e não se delimita nacionalmente, nem se circunscreve a momentos históricos específicos<sup>75</sup>. A dificuldade primacial continua a ser, como na Poética Comparativa, a de dar conta da alteridade do diverso na identidade do uno e a impossibilidade de encontrar um

---

<sup>74</sup> Cf. A. Pettersson, 2006a: xi-xii.

Esta obra consiste mais num conjunto de ensaios do que propriamente uma história organizada. As críticas de Damrosch a esta obra focam exactamente este aspecto: “But the specificity of their case histories creates a sort of stroboscopic effect, outlining selective models of literature and genre and illuminating intriguing moments of cultural transformation, rather than providing the overall literary history proposed by the project’s title.” (2008a: 487).

<sup>75</sup> Os seus coordenadores põem em causa a existência de um conhecimento suficientemente vasto para a elaborar e a questão de se saber quem tem a autoridade para a fazer. Cf. Pettersson, 2006: 9-11; 2008: 463, 467; Helgesson, 2006: 112; 2006a: 304-5.

denominador comum a todas as literaturas sem sacrificar algumas literaturas nacionais, por não se enquadrarem na síntese global<sup>76</sup>.

A segunda orientação que referimos tem a ver com a pretensão de se escrever uma história da “literatura mundial” ou global, destacando-se, no âmbito da historiografia literária, as versões de Pascale Casanova (1999), Franco Moretti<sup>77</sup> e David Damrosch<sup>78</sup>. A primeira grande questão destas histórias literárias consiste na própria dificuldade em obter uma definição uniforme do conceito de “literatura mundial”. Em termos genéricos, podemos distinguir quatro grandes acepções:

- a) a ideia de *weltliteratur* de Goethe, enunciada em 1827, relacionada com a necessidade de uma perspectiva internacional do fenómeno literário<sup>79</sup>;
- b) toda a “literatura do mundo”;
- c) um cânone da literatura mundial;
- d) o estudo académico desta versões<sup>80</sup>.

---

<sup>76</sup> Cf. Guillén, 1985; Marino, 1988.

<sup>77</sup> Cf. Moretti, 1999, 2000, 2003, 2006 e 2008.

<sup>78</sup> Cf. Damrosch, 2003, 2006, 2008 e 2008a.

<sup>79</sup> Cf. Guillén, 1985: 54-7; Steiner, 1995: 5-6; Wellek, 1989: 255; Curtius, 1989: 45-7; Silvestre, 2006: 269-81; Pizer, 2006.

Porém, em termos práticos, a *weltliteratur* é, como observa Osvaldo Silvestre, “um “objecto” especialmente fugidio, pois nunca sabemos bem em que plano situá-lo.”; tanto pode indicar a “mera adição de parcelas nacionais; como pode propor, por intermédio da teoria pós-colonial (...) uma configuração etnográfica de recenseamento de «localismos» legitimados por um vocabulário da «diferença» intercultural”; pode também parecer uma “teoria «literária» do sistema-mundo”, “uma teoria geral da circulação do capital cultural” e uma “«teoria geral da leitura»” que distingue “regimes de leitura «nacionais», «supranacionais», «globais» (2006: 289-290).

Outra grande questão reside na própria prática interpretativa. Se o conceito de literatura mundial é passível de alguns consensos, existe o risco de muitas obras, lidas sob a égide da “world literature”, se perderem na tradução (perde-se o texto-fonte, a língua e o contexto de origem) e numa certa

---

<sup>80</sup> Cf. Pettersson, 2008: 469-70; Helgesson, 2006a: 315-8; Silvestre, 2006: 271-4, 289; Pizer, 2006: 3.

Franca Sinopoli resume estas noções em duas grandes tendências: uma acepção selectiva (com um cânone ou biblioteca) e outra comunicativa (um modo de leitura, que passa pela tradução e pelo diálogo intercultural) (2010: 85-6).

“universalização”<sup>81</sup>. Por outro lado, como observa Fredric Jameson, nesta recente recuperação da ideia de literatura mundial houve uma má compreensão de Goethe, que via a hipótese de todas as literaturas falarem umas com as outras da sua especificidade, não se tratando de as pôr todas ao mesmo nível no plano mediático, através da língua inglesa, cujo domínio conduz a fortes assimetrias no plano da globalização (2008: 380). A começar pela política económica das editoras multinacionais, que determinam o que se traduz e, por consequência, o que se lê, daí resultando o actual domínio da literatura euro-americana<sup>82</sup>.

De entre as principais objecções que se colocam à nova “literatura mundial”, destaca-se a acusação de que se trata de uma “americanização” da *weltliteratur*, que “fala” sobretudo inglês<sup>83</sup>. Haun Saussy, no prefácio de *Comparative Literature in*

---

<sup>81</sup> Cf. Weninger, 2010: 333. Por seu turno, John Pizer (2006) diz preferir a dialéctica local/nacional e global da *weltliteratur* de Goethe à ideia de uma universalidade que sacrificaria as diferenças particulares.

<sup>82</sup> Fredric Jameson destaca os monopólios editoriais e o facto de o mercado ditar novas canonizações, para além do facto de a globalização determinar um centro e colocar a força gravitacional nos consumidores americanos de bens culturais (2008: 375-8).

<sup>83</sup> Cf. Arac, 2002; Spivak, 2003; Lindberg-Wada, 2006a; Trivedi, 2006: 23-31; Silvestre: 2006: 293; Thomsen, 2008: 7.

Emily Apter (2008) sublinha que a tradução é um passo crucial para uma obra entrar na *world literature* e foca a intraduzibilidade (as

*an Age of Globalization*, relatório que lhe foi encomendado pela *American Comparative Literature Association*, critica esta era de unipolaridade dos Estados Unidos da América, que usam a globalização como americanização (2006a: 24-7)<sup>84</sup>. Por seu turno, Djelal Kadir refere-se a um isolamento do comparatismo americano na década da “ameaça do terror”, considerando que a *world literature* é um construto abstracto imperializante forjado nos centros metropolitanos, cúmplice da americanização, correndo o grande risco de instrumentalizar as literaturas do mundo como objectos de usurpação neocolonial (2006a: 73-5)<sup>85</sup>.

Com efeito, é nos E.U.A. que têm florescido os programas de estudo universitários consagrados à literatura

---

singularidades não são traduzíveis). Defende, por isso, uma pluralidade linguística e não a opção por uma língua central, o Inglês.

<sup>84</sup> Como refere Osvaldo Silvestre, trata-se daquilo a que Jonathan Arac chama «Anglo-Globalism», num artigo de resposta a Moretti, em que chama ainda a atenção para um ponto: Moretti faz o elenco dos autores das histórias que leu das várias literaturas, mas esquece-se de dizer que são, quase todas, obras em inglês, o que só reforça um dos aspectos mais discutíveis da actual emergência da *Weltliteratur*: o facto de falar quase sempre inglês (Silvestre, 2006:293).

<sup>85</sup> O título do seu ensaio é significativo: “Comparative Literature in an Age of Terrorism”. Djelal Kadir classifica esta viragem para a globalização, presente no relatório da *American Comparative Literature Association*, como um retrocesso face ao anterior relatório de Charles Berhneimer (de 1993), intitulado *Comparative Literature in the age of Multiculturalism* (Kadir, 2006a: 75).

“global”, sobretudo sob a égide dos departamentos de literatura comparada<sup>86</sup>. Destacam-se os diversos números temáticos de revistas prestigiadas consagrados à questão:

-*PMLA*, da *Modern Language Association* (2001, 116: 1);

-*Comparative Literature*, da A.C.L.A. (2001, 53: 4; 2010, 62: 4);

-*Comparative Literary Studies* (2004, 41: 1);

-*New Literary History* (2008, 39: 3).

Em termos editoriais, merece relevo a linha editorial de algumas editoras influentes, com as suas antologias da literatura mundial<sup>87</sup>, como a *Routledge*<sup>88</sup> e a britânica Verso (que edita a *New Left Review*).

---

<sup>86</sup> De acordo com Mariano Siskind, a reemergência do conceito de *world literature* liga-se à intenção política de dar uma orientação universalista ao sistema educativo dos Estados Unidos da América, em direcção à futura cidadania global, em linha com uma educação de pendor cosmopolita (2010: 351).

<sup>87</sup> Destacam-se as extensas antologias escolares de literatura mundial da Norton, da Bedford/St. Martin e da Longman/Pearson (cada uma com seis volumes). A poderosa *Modern Language Association* tem publicado uma série de obras (já ultrapassou a centena) sob a designação de “Approaches to Teaching World Literature”. Mariano Siskind critica esta colecção, na medida em que as obras se centram praticamente num cânone anglófono euro-

Mas a história da questão é talvez um pouco mais complexa e envolve um certo diálogo transatlântico, em grande parte suscitado pela publicação da obra de Pascale Casanova, *La République Mondiale des Lettres. Histoire structurale des révoltes et des révolutions littéraires* (1999). Nesta obra, Pascale Casanova tenta aplicar a uma escala mundial as teorias de Pierre Bourdieu sobre a autonomização do campo literário face ao campo político e às leis do mercado na França do século XIX.

Parte assim da ideia da existência de um espaço literário internacional relativamente autónomo, organizado de acordo com uma certa “geografia temporal” (1999: 148), com os seus centros (Paris como capital literária até 1960) e periferias, que representam respectivamente o desenvolvimento e o atraso literários. Neste “campo literário” à escala internacional existe uma competição entre as diversas literaturas nacionais pela obtenção de capital cultural e pela definição do “Meridiano de

---

americano, numa prática muito limitada e restrita de uma “literatura mundial” (2010: 353-4).

<sup>88</sup> Esta multinacional publicou recentemente uma antologia sobre *Literature and Globalization* (2010, Liam Connell e Nicky Marsh, ed.s) e prepara a edição em 2011 de três obras sobre a questão: *The Routledge Companion to World Literature*, editado por Theo D'haen, David Damrosch e Djelal Kadir; *The Routledge Concise History of World Literature*, da autoria de Teo D'haen; *World Literature. A Reader*, editado por Theo D'haen, Cesar Dominguez e Mads Thomsen.

Greenwich” do tempo literário, estando as pequenas línguas/literaturas sujeitas ao domínio das grandes (à frente estão as que acumularam mais capital cultural ou com maior capacidade inovadora e modernidade).

O ponto central da sua metodologia, como o subtítulo indica, consiste em desenvolver o estudo dos momentos que revolucionaram a república mundial das letras, elaborando uma história estrutural dos revoltados e dos revolucionários literários (os “ex-cêntricos” e sobretudo os rebeldes) que lutaram pela redefinição das regras do campo literário e que, pela criação de formas novas, conquistaram a sua liberdade e afirmação enquanto escritores, contra as imposições da ordem literária mundial.

O primeiro momento desta história consistiu na formação do espaço literário internacional no século XVI, com a defesa da dignidade das línguas/literaturas vernáculas face às línguas e literaturas clássicas (greco-latinas). A segunda grande transformação deu-se com o seu alargamento, em finais do século XVIII e inícios do século XIX, em virtude da instauração, por Herder, de um novo critério de legitimidade literária (face ao classicismo francês), centrado na originalidade nacional/popular. A articulação língua/nação permitiu reivindicar uma igualdade literária entre todas as nações. O capital literário tornou-se símbolo da identidade nacional, tal como a língua, e um fundamento da “razão política”. Este fenómeno implicou uma



clara desvalorização do capital literário: “La politisation sous la forme nationale ou nationaliste – donc en quelque sorte la ‘nationalisation’ – est un des traits constitutifs des ‘petites’ littératures.” (*id.*: 260). As “grandes literaturas” (onde se inclui a literatura francesa) escapam a essa dominação, o que lhes traz uma enorme vantagem, porque é a partir desse capital literário que jogam a sua função: segundo Casanova, o facto de Paris ter funcionado muito tempo como capital literária fez com que a França fizesse uma constante utilização política e nacional desse capital cultural, exercendo um certo imperialismo cultural<sup>89</sup>.

A terceira grande revolução literária deu-se com os processos de descolonização do século XX, que conduziram à libertação de todos os países excluídos até aí da “literatura” (da África e da Ásia) e a um “policentrismo” no moderno sistema literário. Destaca-se a chegada ao campo dos “ex-cêntricos”, dos “assimilados” e dos rebeldes (escritores locais que afirmavam a sua diferença cultural), que produziram a subversão do centro e da sua poética, introduzindo uma nova medida do tempo literário.

A tradução inglesa desta obra de Pascale Casanova, em 2004 (Harvard University Press), com uma nova capa, bastante significativa, porque inclui uma imagem do globo terrestre,

---

<sup>89</sup> Cf. 1999: 55, 68, 102, 114-5, 150, 186, 260 e 309.

influenciou o debate sobre a questão da “literatura mundial”, motivando a edição por Christopher Prendergast de *Debating World Literature* (2004)<sup>90</sup>, em que acusa Casanova de basear a sua história na “república francesa das letras”<sup>91</sup>.

Por seu turno, numa entrevista concedida em 2005 a Tiphaine Samoyault, Pascale Casanova recordava que o pano de fundo da sua obra era a teoria pós-colonial e a “mundialização cultural” anglo-americanas:

“c’est surtout aux États-Unis (et aussi en Angleterre à travers la *New Left Review*) que s’amorce un débat passionnant pour moi autour de la notion de *world literature*”; “la question se pose désormais parmi les comparatistes de savoir si la *global*

---

<sup>90</sup> Esta obra é uma colectânea de artigos anteriormente publicados na *New Left Review*.

<sup>91</sup> Prendergast, 2004a. Jerome McGann afirma mesmo que “this ‘hope’ for a globalized literature is very French, very Parisian” (2008: 647) e que “that (...) myth of aesthetic autonomy is a European invention.” (*id.*: 651).

Foi ainda a obra de Casanova que motivou a realização do colóquio “Literary History in the Global Age”, na Universidade da Virgínia, em 14 e 15 de Maio de 2008, sob os auspícios da *New Literary History* (cf. McGann, 2008: 646). As intervenções do evento foram publicadas no número 3 do volume 39 da *New Literary Listory* (2008).

*literature* pourrait remplacer la *comparative literature*” (apud Coste, 2005)<sup>92</sup>.

Gayatri Spivak parece dar razão a Casanova ao defender que esta orientação para o global conduz à morte da “literatura comparada (a *Death of a Discipline*), apagando a polifonia literária do planeta:

“a disciplinary politics of distant reading and the scopic ambitions of mapping the world’s literature and bringing it under Euro-U.S. rational control would be questioned” (2003: 30).

A crítica de Spivak dirige-se em primeiro lugar a Franco Moretti e à sua proposta da “leitura distante”, em que assenta o seu projecto para a elaboração de uma história da “literatura mundial”, embora na prática ele se tenha limitado à história da

---

<sup>92</sup> Didier Coste sumaria ironicamente esta luta pela “localização” da literatura mundial: “Si donc le Mondial de littérature doit avoir lieu, reste la question de décider où. Je ne voterais ni pour Paris ni pour New York, c’est sûr. Souhaitons qu’il ait lieu un peu partout dans le monde, que son effet d’annonce ne dépasse pas l’initiative des joueurs, et que les droits de diffusion ne soient pas achetés en bloc par une seule multinationale du divertissement.” (2005).

difusão do romance (canónico) europeu do XIX<sup>93</sup>. Como ninguém pode ter a pretensão de conhecer todas as obras literárias de todo o mundo e de todas as épocas, Moretti apresentou a *distant reader* (“leitura distante”) como solução. Consiste no conhecimento dos textos literários através dos relatos ou críticas feitos por outros, em textos de natureza crítica ou das várias histórias nacionais da literatura. Na prática, é uma renúncia à leitura dos textos literários, que se propõe conhecer através de leituras de segunda ou terceira mão. Assim, o preço a pagar é a distanciação dos textos<sup>94</sup>, servindo-se Moretti das histórias da literatura já escritas e de estudos empírico-materialistas das formas literárias, em moldes neopositivistas. Moretti faz um uso sistemático de mapas, de que se socorre como um modo interpretativo, e de outras formas de representação, como gráficos estatísticos da história quantitativa (em vez do cânone) e árvores (da teoria da evolução, aplicada aos géneros literários), que defende como novos modelos de história literária aplicáveis ao estudo da “literatura mundial”,

A instauração polémica da *distant reader* e dos “modelos abstractos para uma outra história da literatura”, derivados da biologia e das ciências sociais<sup>95</sup>, são alvo de uma contestação

---

<sup>93</sup> Cf. Pettersson, 2008: 475; Silvestre, 2006: 290.

<sup>94</sup> Trata-se de um pacto com o diabo, segundo Yoo Hui-sok (2006).

<sup>95</sup> Cf. Moretti, 1999; 2000: 57; 2008: 33-4, 127.

generalizada<sup>96</sup>, não obstante Moretti afirmar que este novo método é requerido pela dimensão da “literatura mundial”, que considera mais um problema do que um objecto: “and a problem that asks for a new critical method: and no one has even found a method by just reading more texts.” (2000: 55)<sup>97</sup>.

Nirvana Tanoukhi denuncia as distorções e as falsas percepções a que um espaço literário à escala mundial pode conduzir, como na *distant reading* de Franco Moretti, que desloca a autoridade da leitura e da interpretação dos textos para as fontes de que se socorre, o que levanta muitas dúvidas sobre o valor dessas informações e relatos (2008: 606). Com efeito, se a contextualização é fundamental na história literária comparativa (no fundo, é a sua escala geográfica), o que se testemunha neste debate é o assumir de uma distanciação que arruina a própria lógica da “literatura mundial” (*id.*: 614).

Quanto a David Damrosch, parte de uma concepção “circulatória” da literatura mundial, concebida como um modo de leitura que estuda a recepção e as traduções das obras, etc.: “literature of genuine global scope, wether in authorial intention

---

<sup>96</sup> Cf. Tanoukhi, 2008: 599-600, 606-7, 614; Ferguson, 2008; Apter, 2008; Pettersson, 2008: 471-3; Dimock, 2008; Silvestre, 2006: 288-293.

<sup>97</sup> Wai Chee Dimock (2008) manifesta-se abertamente contra a *distant reader*, na medida em que a marca dos estudos literários é a *close reading* e a micro-história.

or in its circulation among readers” (2008a: 483). No seu entender, fazem parte da literatura mundial, “all literary works that circulate beyond their culture of origin.” (2003: 4)<sup>98</sup>. Esta é a noção de *world literature* hoje dominante, que se resume à literatura produzida por escritores que ganharam uma dimensão internacional, através dos mercados livreiros globais e/ou cuja temática se volta para questões globais.

Suman Gupta, em *Globalization and Literature*, adota a aceção de Damrosch como equivalente a literatura internacional:

“Texts and contexts are, in this view, not given in fixed relationships of locations, chronologies and categories. Rather texts move, and the world of and around texts is composed of a multiplicity (...) of boundaries which are constantly traversed” (2009: 144-5).

A globalização afecta a literatura e, é claro, os próprios estudos literários, em parte devido às próprias pressões institucionais, articuladas com o mercado (a regulação internacional do

---

<sup>98</sup> “The crucial stage in a work’s movement from a national context to the sphere of world literature is its reception within a different cultural and linguistic realm” (2008a: 484); “it is a mode of reading that can be experienced intensively with a few works just as effectively as it can be explored extensively with a large number.” (Damrosch, 2003: 299).

“copyright” e da propriedade intelectual) e com a academia, que tenta acompanhar as transformações do mundo literário (as indústrias literárias, o mercado da tradução, a digitalização do conhecimento e a democratização do ciberespaço) e a sua contemporaneidade, em grande medida porque também vive num regime global e competitivo (observável na captação de investimentos e de estudantes e na própria estrutura da carreira académica):

“The potential globalization of literary studies in the form of world literature in the academy is not merely a matter of the responsiveness of literature and literary studies to the world at large, but also of the manner in which globalization processes impinge upon all institutions, including the academic.” (*id.*: 145).

Assim, a nível académico, sobretudo nos EUA, a teorização e a crítica inclinam-se para a leitura e interpretação das obras literárias numa perspectiva transnacional/global. Em *Global Literary Field* (Guttman, Hockx e Paizis, ed.s, 2006), a perspectiva dos vários estudos vai no sentido de proceder a leituras globais do nacional, colocando as literaturas nacionais em contextos globais, lendo-as através de várias culturas e traduções, de acordo com a sua circulação e os seus leitores. Em termos práticos, e a título de exemplo, Wai Chee Dimock e Lawrence Bell, coordenadores de *Shades of the Planet: American Literature as World Literature* (2007), postulam que a literatura

americana é, de facto, transnacional, como é visível no multiculturalismo de um presumível cânone americano homogéneo. Além disso, partem do pressuposto de que não é justificável estudar a literatura americana de modo isolado na era de globalização. Nesta óptica, deixam de se centrar nos Estados Unidos da América, fundando a sua análise no mundo nas suas articulações (“as máscaras do planeta”) com a África Ocidental, a Europa Oriental, o Irão, o Iraque, a Índia, a China, o México e a Austrália. *The French global: A New Approach to Literary History* (McDonald e Suleiman, ed.s, 2010), é outro exemplo claro, com a releitura da história da literatura francesa numa perspectiva mundial/global, tendo em conta a interacção cultural que desenvolveu com outras culturas em termos internacionais, desde a Idade Média até ao contemporâneo mundo da “francofonia”<sup>99</sup>.

Mas podemos distinguir duas grandes orientações conflitantes no âmbito da *world literature*: uma que parte de uma redefinição dos estudos pós-coloniais, e outra que adopta uma versão da literatura universal de pendor histórico e

---

<sup>99</sup> Walter Veit (2008), inspirado nas histórias comparativas da I.C.L.A., defende um modelo plural/global (transnacional) para a história literária da Austrália.



eurocêntrico<sup>100</sup>. Assim, temos um global que resulta da soma dos particularismos nacionais e outro é dado como referência universal. A “república mundial das letras” de Casanova está a meio caminho das duas versões, mas parte de uma perspectiva “eurocêntrica”.

Um exemplo moderado da primeira versão é defendido por Paul Jay, que deseja articular a globalização com os estudos pós-coloniais, mas o privilégio que confere aos “assuntos globais” (que estão implicados no próprio processo da globalização) faz com que o pós-colonial só seja reconhecido quando atinge um estatuto global, no que se abeira explicitamente da perspectiva de David Damrosch. No entanto, ao contrário deste, defende uma perspectiva histórica da globalização, segundo a qual esta terá começado no séc. XVI, envolvendo um largo período, que engloba as longas histórias do imperialismo, da colonização, da descolonização e do pós-colonialismo. Esta via facilita, no seu entender, uma melhor interpretação dos estudos literários e culturais, ao invés da tese que considera a globalização um fenómeno estritamente pós-moderno e

---

<sup>100</sup> Paul Jay afirma esta ligação de modo claro: “It tis no surprise that globalization of literary studies, especially to the extent that they are associated with departments of English, are often seen as a threat to the already transnationalized fields of comparative literature or postcolonial studies. The relationship, for example, between globalization studies in English departments and postcolonial studies has been vexed.” (2010: 4).

contemporâneo<sup>101</sup>. Deste modo, procura observar a transformação da literatura e dos estudos literários actuais provocada pela globalização (económica, social e cultural), sobretudo no mundo da literatura inglesa, observável tanto em termos interpretativos, como nos grandes temas de alguns romances que analisa (“global matters”)<sup>102</sup>.

No pólo oposto, Armando Gnisci mostra-se bastante céptico em relação ao conceito de “literatura mundial”, que diz ser hoje uma indústria e um mercado (fruto da globalização económica), resultante de uma universalização planetária de ascendência europeia<sup>103</sup>. Favorável à perspectiva pós-colonial, Gnisci valoriza a mundialização da literatura enquanto conquista de pendor pós-colonial efectuada por muitos escritores africanos, latino-americanos, caribenhos, asiáticos e australianos, para além

---

<sup>101</sup> Paul Jay considera que a perspectiva transnacional dos estudos literários ingleses se deveu em grande parte aos processos da globalização (multiculturalismo, “border studies”, “diaspora studies”, cosmopolitanismo): “the transnational turn in literary studies began in earnest when the study of minority, multicultural, and postcolonial literatures began to intersect with work done under the auspices of the emerging study of globalization.” (2010: 2; cf. 5-6).

<sup>102</sup> Os temas globais a que se refere, que permitem imaginar o carácter global da experiência moderna e da cultura contemporânea, são a colonização, a descolonização, o pós-colonialismo e a globalização) (*id.*: 6-9).

<sup>103</sup> Cf. Gnisci, 2010: 5, 25, 30. Para uma perspectiva similar cf. Franca Sinopoli (2010).

dos europeus e dos norte-americanos (2010: 28-31). No seu entender, a literatura mundial começou quando os colonizados aprenderam a ler e a escrever sobre a sua experiência calibanesca e a sua consciência da negritude, que se afirmaram com os *pos-colonial studies* e o *orientalismo*, sob a égide da poética da “crioulização do mundo” (E. Glissant) e da “antropofagia cultural” (Oswald de Andrade). Por tudo isto, Armando Gnisci defende que o caminho para uma autêntica *world literature* exige a “descolonização da Europa” e a “mundialização das mentes” (um mútuo conhecimento e uma libertação recíproca), que passaria em grande parte pelo pensamento pós-colonial e pela divulgação dos escritores pós-coloniais, para que a literatura mundial seja a literatura de todos, através da rede planetária da tradução<sup>104</sup>.

No mundo francófono, esta orientação pós-colonial manifestou-se em particular no manifesto “Pour une ‘littérature-monde’ en français” (*Le Monde*, 16/3/2007), onde se defendia a não distinção entre literatura francesa e francófona. A expressão literatura-mundo em francês implica a existência de diversas

---

<sup>104</sup> *Id.*: 44-5.

Revati Krishnaswamy defende mesmo a necessidade de uma teoria global/universal (*world literary knowledges*), não como imposição do Ocidente, mas com base nas diferentes tradições do mundo, para abrir o cânone da teoria literária e da crítica “a modos alternativos” de conceber a literatura (2010: 408).

literaturas em língua francesa, de diversos continentes e que nos falam de um novo mundo em emergência, dando rosto e voz ao incomum de nós/do mundo, num vasto conjunto polifónico<sup>105</sup>. Em Portugal, Maria Helena Buescu, no âmbito do projecto “Literatura-Mundo: Perspectivas em Português”, coordena a elaboração de três antologias da *Literatura-Mundo em Português*, repartida por três espaços literários: a nível europeu, no mundo lusófono e numa perspectiva mundial (a *Literatura-Mundo*)<sup>106</sup>.

---

<sup>105</sup> « Littérature-monde parce qu’à l’évidence multiples, diverses, sont aujourd’hui les littératures de langue françaises de par le monde, formant un vaste ensemble dont les ramifications enlacent plusieurs continents. Mais littérature-monde, aussi, parce que partout celles-ci nous disent le monde qui devant nous émerge, et ce faisant retrouvent après des décennies « d’interdit de la fiction » ce qui depuis toujours a été le fait des artistes, des romanciers, des créateurs : la tâche de donner voix et visage à l’inconnu du monde — et à l’inconnu en nous. » ; <http://www.etonnants-voyageurs.com/spip.php?article1574>; acedido em 18/7/2010. Este manifesto teve 44 signatários. No mesmo ano, Michel Le Bris e Jean Rouard coordenaram o livro *Pour une littérature-monde*, publicado na Gallimard, com 27 contributos de autores diversos.

<sup>106</sup> No âmbito do Centro de Estudos Comparatistas, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, de que é directora: <http://www.comparatistas.edu.pt/investigacao/morphe/literatura-mundo-perspectivas-em-portugues.html> (acedido em 22/3/2011). Cf. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 1055, 9-22/3 de 2011.

A *world literature* deveria ser assim, a nosso ver, o resultado de um vasto conjunto de literaturas-mundo, em vez de se apresentar sob a forma de um cânone literário anglocêntrico, que pretende ser uma sinédoque da literatura de todo o mundo. De facto, o actual *global turn* está imbuído de riscos e equívocos. Stefan Helgesson considera que as várias versões de uma “literatura mundial”, e em particular a de Damrosch, suscitam grandes objecções, na medida em que criam situações artificiais (v.g. analisar todas as obras numa perspectiva transnacional), tendem a hierarquizar ou pecam por falta de método<sup>107</sup>. Refere ainda a grande tensão sobre a conceptualização da influência e interferência literárias numa escala global e sobre o papel a atribuir ao dominante e ao marginal ou contra-hegemónico no universo da literatura, num mundo cada vez mais dividido, marcado por um certo eurocentrismo da literatura comparada e pelo conceito *ocidentalizado* de literatura mundial. O que facilita exclusões, conflitos e apropriações<sup>108</sup>.

---

<sup>107</sup> À proposta de Damrosch, apesar de poder funcionar, falta-lhe rigor, já que Helgesson não vê qualquer lógica interna ou necessidade da escolha eclética de textos que Damrosch faz: “he could be accused of having recourse to the simplicity of the canonical version of world literature without admitting that he participates in the building of a new canon.” (2006a: 316).

<sup>108</sup> Cf. 2006: 112. “Over the past two centuries, such diverse histories have quite obviously been influenced by the expansion of western power and the global market, and recent theorisations of literature as a world system (Moretti) or a global literary field (Casanova) indicate, in their findings as well

David Damrosch, contudo, conhecedor dos vários desafios que se levantam à escrita de uma história da literatura mundial, envolvendo problemas de definição, modelo e objectivo, admite que a globalização pode minar a história da literatura mundial que defende, dificultando-a: por excesso, devido ao número elevado de obras a incluir nessa história, com a correspondente plétora de histórias locais e culturas literárias; por escassez, na medida em, no seu entender, o processo globalizante da “world literature” não tem história – existe há cerca de uma década e meia (2008a: 481-3).

Por tudo isto, propõe o modelo da “Wikipédia” para a história literária da literatura mundial, com um panorama geral (*an overview*) e hiperligações (*hyperlinks*) que permitam investigações mais detalhadas. Esta nova forma é exigida, como sublinha, para que as culturas de todos os continentes e de todas as épocas possam ser incluídas (2008a: 489). Neste modelo dual, a edição electrónica seria acompanhada pela publicação de um volume elaborado por uma dúzia de especialistas, que devia proporcionar o tal panorama geral (um *companion*) necessário para impedir a dispersão enciclopédica e “anárquica” da

---

as their metalanguage, a continued dominance of a western paradigm (which, admittedly, is undergoing continuous change). It is at the very least safe to say that certain culturally sedimented notions of literature are more globally consequential than others.” (2006a: 304-5).

“Wikipédia”, servindo também esses especialistas como supervisores das novas entradas na rede<sup>109</sup>. Este projecto, porém, esbarra com os critérios adoptados na escolha desta equipa e com a adopção de uma língua de expressão, até porque a “wikipédia” tem diferentes versões e em várias línguas.

Visão oposta é a de Amy J. Elias, que em “Interactive Cosmopolitanism and Collaborative Technologies: New Foundations for a Global Literary History” defende que o uso das novas tecnologias (em particular o modelo da “Wikipédia”) pode gerar uma história literária “rizomática”, plural e revolucionária, para escapar à estrutura da escrita académica, monológica e hierárquica (2008: 717-9).

Perante a dimensão de uma história da “literatura mundial”, à escala global, pensamos que as questões e as dificuldades levantadas nos mostram que a sua elaboração terá que permanecer um problema, como Moretti admite. A *distant reader* não é uma solução razoável, porque marginaliza a própria literatura de lado. Por outro lado, a adopção de um modelo

---

<sup>109</sup> Damrosch refere como modelo *The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature*, que já vai na sua segunda edição. A par da versão electrónica (<http://www-etcsl.orient.ox.ac.uk> ; acedido a 20/7/2010), tem uma versão escrita: *The Literature of Ancient Sumer*, 2004, Oxford U. P., Jeremy Black (ed.).

aberto, semelhante à “wikipédia”, como sugere Damrosch, não resolve a questão central do domínio anglófono e eurocêntrico de tal empreendimento (com o seu cânone)<sup>110</sup>, tornando-se evidente que o conceito de literatura mundial tem um carácter performativo, na medida em que produz o seu próprio espaço e as correlativas representações:

“it is perhaps even more important to recognize that these approaches themselves participate in the globalizing of literature.” (Helgesson, 2006a: 316)<sup>111</sup>.

Por outro lado, é preciso ter em conta, como sublinha Hayden White (2008), que a nível *global/digital* tudo se altera, a literatura perde substância (torna-se numa comodidade) e a história dissolve-se, porque o ciberespaço não tem temporalidade e o global (um domínio não localizável e pós-material em que o único valor é o de troca) não tem genealogia, nada restando para contar. Na aldeia global, afirma White, ninguém tem um lugar particular para onde ir porque lá não há lugares e muito menos lugares particulares.

---

<sup>110</sup> Quem tem autoridade e conhecimentos para a elaborar, invocando para si o paradoxal estatuto de “especialista” do global ? Cf. Pettersson, 2006; Helgesson, 2006: 112; 2006a: 304-5.

<sup>111</sup> Resta assim saber até que ponto pode a instituição literária ser redefinida pela *world literature*, quando nos dois últimos séculos ela se definiu pela «literatura» (Silvestre, 2006: 289).



Assim, paradoxalmente, a abertura ao mundial/global conduz-nos em simultâneo a uma espécie de “não-espço”, numa pulsão desterritorializante da literatura que nos põe perante a questão de sabermos até que ponto são possíveis “mapas cognitivos”, para usarmos a imagem de Fredric Jameson, que nos permitam “a situational representation (...) to that vaster and properly unrepresentable totality” (1991: 51). É essa desterritorialização que, curiosamente, justifica (para alguns) a história espacial da *world literature* enquanto “mapa” orientador<sup>112</sup>.

Mas é preciso não esquecer a dimensão construtiva destes mapas<sup>113</sup>, que nos situam e localizam num mundo novo, que eles produzem e representam, deixando para trás outros mundos e outros mapas.

---

<sup>112</sup> “A history of world literature worth writing will provide an invaluable map to locate our work in the wider world.” (Damrosch, 2008a: 494).

<sup>113</sup> “Just like literary-historical overviews, maps are constructed: the features represented, the signs, the scale, etc., are conventional rather than dictated by reality itself.” (Pettersson, 2006: 9).



## Bibliografia

ANDERSON, Benedict (1996)- *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London/New York: Verso [1991].

\_\_\_\_\_(1996a)- *L'imaginaire national. Réflexions sur l'origine et l'essor du nationalisme*. Paris: La Découverte [1991, 2<sup>a</sup> ed.].

APTER, Emily (2008)- “Untranslatable: A World System”, *New Literary History*, 39 (3): 581-598.

ARAC, Jonathan (2002)- “Anglo-Globalism ?”, *New Left Review*, 16 (Julho-Agosto), pp. 35-45.

ARNOLD, A. James (ed.) (1994, 1997, 2001)- *A History of Literature in the Caribbean*, 3 vol.s. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

ARNOLD, A. James (1994a)- “Charting the Caribbean as a Literary Region”, in ARNOLD, A. James (ed.) (1994), pp. xiii-xviii.

AYERS, Edward L. (2010)- “Turning toward Place, Space and Time”, in BODENHAMER, John, CORRIGAN, John and HARRIS, Trevor M. (ed.s) (2010), pp. 1-13.

BEYRIE, Jacques (1994)- *Qu' est-ce qu' une littérature nationale ? Écriture, Identité, Pouvoir en Espagne*. Toulouse: P. U. du Mirail.

BHABHA, Homi K. (ed.) (1990)- *Nation and Narration*. London/New York: Routledge.

\_\_\_\_\_(1994)- *The location of culture*. London/New York: Routledge.

BODENHAMER, John, CORRIGAN, John and HARRIS, Trevor M. (ed.s) (2010)- *The Spatial Humanities. GIS and the Future of Humanities Scholarship*. Bloomington & Indianapolis: Indiana U. P.

BOJTÁR, Endre (2007)- “Pitfalls in Writing a Regional Literary History of East-Central Europe”, in CORNIS-POPE, Marcel e NEUBAUER, John (ed.s) (2007), pp. 419-27.

BOURDIEU, Pierre (1982)- *Ce que parler veut dire. L'économie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard.

\_\_\_\_\_(1992)- *Les règles de l' art. Genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil.

BRAGA, Teófilo (1902)- *História da Universidade de Coimbra nas suas relações com a Instrução Publica Portuguesa*, tomo IV

(1801-1872). Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.

CABO ASEGUINOLAZA, Fernando, ABUÍN GONZÁLEZ, Anxo e DOMÍNGUEZ, César (ed.s) (2010)- *A Comparative History of Literatures in the Iberian Peninsula*, vl. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

CABO ASEGUINOLAZA, Fernando (2010)- “The European horizon of Peninsular literary historiographical discourses”, in CABO ASEGUINOLAZA, Fernando, ABUÍN GONZÁLEZ, Anxo e DOMÍNGUEZ, César (ed.s) (2010), pp. 1–52.

CABO ASEGUINOLAZA, Fernando (2003)- “Geography and Literature: On a Comparative History of the Literatures in Iberian Peninsula”, *Neohelicon*, 30 (2003): 1, pp. 117-25.

\_\_\_\_\_(2004)- “El giro espacial de la historiografía literaria”, in GONZÁLEZ, Anxo Abuín e VARELA, Anxo Tarrío (ed.s) (2004), pp. 21-43.

CAMPUZANO, Luiza (2004)- “For a More Inclusive Literary History of Latin America”, in VALDÉS. Mario e KADIR, Djelal (ed.s) (2004), vol. I, pp. xxxvii-xlii.

CASANOVA, Pascale (1999)- *La République Mondiale des Lettres*. Paris: Seuil.

CASAS, Arturo (2004)- “Catro modelos para a nova Historia literaria comparada. Unha aproximación epistemolóxica”, in

González, Anxo Abuín González e VARELA, Anxo Tarrío (eds.) (2004), pp. 45-71.

CASSANO, Franco (1996)- *Il pensiero meridiano*. Roma/Bari: Laterza.

CESERANI, Remo (2006)- “Drawing a Map of a Literary History of Europe”, in LINDBERG-WADA, Gunilla (ed.) (2006), pp. 169-79.

*Comparative Literature*, 2001, 53: 4

*Comparative Literature*, 2010, 62: 4

*Comparative Literary Studies*, 2004, 41: 1.

CORNIS-POPE, Marcel e NEUBAUER, John (ed.s) (2004) - *History of the Literary Cultures of East-Central Europe: Junctures and disjunctures in the 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

\_\_\_\_\_(2004a)- “Editor’s Preface”, CORNIS-POPE, Marcel e NEUBAUER, John (ed.s) (2004), pp. xi-xii.

\_\_\_\_\_(2004b)- “General Introduction”, in CORNIS-POPE, Marcel e NEUBAUER, John (ed.s) (2004), pp. 1-18.

\_\_\_\_\_(2004c)- “Literary nodes of political time”, in CORNIS-POPE, Marcel e NEUBAUER, John (ed.s) (2004), pp. 33-8.

\_\_\_\_\_(2006)- *History of the Literary Cultures of East-Central Europe: Junctures and disjunctures in the 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries*, vl. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

\_\_\_\_\_(2007) - *History of the Literary Cultures of East-Central Europe: Junctures and disjunctures in the 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries*, vl. III: *The Making and Remaking of Literary Institutions*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

\_\_\_\_\_(2007a)- “Preface”, CORNIS-POPE, Marcel e NEUBAUER, John (ed.s) (2007), pp. ix-xii.

CORNIS-POPE, Marcel e PETKOVIC, Nikola (2006)- “Mapping the Danubian Literary Mosaic”, in CORNIS-POPE, Marcel e NEUBAUER, John (ed.s) (2006), pp. 217-224.

CORNIS-POPE, Marcel (2006)- “Mapping the Literary Interface of East-Central Europe”, in CORNIS-POPE, Marcel e NEUBAUER, John (ed.s) (2006), pp. 1-8.

\_\_\_\_\_(2006a)- “Literature in Multicultural Corridors and Regions”, in CORNIS-POPE, Marcel e NEUBAUER, John (ed.s) (2006), pp. 213-5.

\_\_\_\_\_(2006b)- “Crossing Geographic and Cultural Boundaries, Reinventing Literary Identities”, in CORNIS-POPE, Marcel e NEUBAUER, John (ed.s) (2006), pp. 375-6.

\_\_\_\_\_(2008)- “Writing the History of East-Central European Literary Cultures: A Retrospect”, *Recherche Littéraire/Literary Research*, vl. 24 (Summer), pp. 41-5.

COSTE, Didier (2005)- "Le Mondial de Littérature", *Acta Fabula*, Automne 2005, volume 6, número 3 [<http://www.fabula.org/revue/document1096.php>: acedido em 17/3/2009].

CUNHA, Carlos (2002)- *A construção do discurso da história literária na literatura portuguesa do século XIX*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos/Universidade do Minho.

CURTIUS, Ernst Robert (1989)- *Ensayos críticos sobre la literatura europea*. Madrid: Visor.

DAINOTTO, Roberto (2007)- *Europe (in Theory)*. Durham: Duke U. P.

DAMROSCH, David (2003)- *What Is World Literature?* Princeton/New Jersey: Princeton U. P.

\_\_\_\_\_(2006)- "Where Is World Literature ?", in LINDBERG-WADA, Gunilla (2006), pp. 211-20.

\_\_\_\_\_(2006a)- "World Literature in a Postcanonical, Hypercanonical Age", in SAUSSY, Haun (ed.) (2006), pp. 43-53.

\_\_\_\_\_(2008)- *How to read world literature ?* Malden/Oxford: Wiley-Blackwell.

\_\_\_\_\_(2008a)- "Toward a History of World Literature", *New Literary History*, 39 (3): 481-95.

\_\_\_\_\_(ed.) (2009) - *Teaching World Literature*. New York: The Modern Language Association of America.



DIMOCK, Wai Chee e BUELL, Lawrence (ed.s) (2007)- *Shades of the Planet: American Literature as World Literature*. New Jersey: Princeton University Press

DIMOCK, Wai Chee (2008)- “The Egyptian Pronoun: Lyric, Novel, the *Book of the Dead*”, *New literary history*, 39 (3): 619-43.

EDWARDS, Bryan T. e GAONKAR, Dilip Parameshwar (ed.s) (2010)- *Globalizing American Studies*. Chicago/London: Chicago University Press.

ELIAS, Amy J. (2008)- “Interactive Cosmopolitanism and Collaborative Technologies: New Foundations for Global Literary History”, *New literary history*, 39 (3): 705-725.

ESPAGNE, Michel (1993)- *Le Paradigme de l' Étranger. Les chaires de littérature étrangère au XIX.e siècle*. Paris: Les Éditions du Cerf.

FELDMAN, Sharon (2010)- “Introduction: The Iberian Peninsula as a literary space”, in CABO ASEGUINOLAZA, Fernando, ABUÍN GONZÁLEZ, Anxo e DOMÍNGUEZ, César Domínguez (ed.s) (2010), pp. 133-7.

FERGUSON, Frances (2008)- “Planetary Literary History: The Place of the Text”, *New literary history*, 39 (3): 657-84.

FIGUEIREDO, Fidelino de (1918)- *Estudos de Literatura (2ª série: 1917)*. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira.

\_\_\_\_\_(1923)-*Características da Litteratura portuguesa*, 3ª ed. revista. Lisboa: Livraria Clássica Editora [1914].

\_\_\_\_\_(1930)-“Parêntesis anti-geographico”, *Crítica do Exílio*. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, pp. 39-74.

\_\_\_\_\_(1935)- *Pyrene. Ponto de vista para uma Introdução à História Comparada das Literaturas Portuguesa e Espanhola*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.

\_\_\_\_\_(1951)-*Estudos de Literatura (5ª série: 1947-1950)*. São Paulo: Editora Clássico-Científica.

\_\_\_\_\_(1987)- *A Épica Portuguesa no Século XVI. Subsídios documentais para uma teoria geral da epopeia*, 7ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda [1931, 1950, 1951, 1954, 1961].

GÉRARD, Albert S. (ed.) (1986)- *European-language Writing in Sub-Saharan Africa*, 2 vol.s. Budapest: Akadémiai Kiadó.

GILROY, Paul (1993)- *The Black Atlantic. Modernity and Double Consciousness*. London/New York: Verso.

GNISCI, Armando, SINOPOLI, Franca e MOLL, Nora (2010)- *La letteratura del mondo nel XXI secolo*. Torino/Milano: Bruno Mondadori.

GNISCI, Armando (2010)- “Di che cosa parliamo quando parliamo di letteratura mondiale nel 2010?”, in GNISCI, Armando, SINOPOLI, Franca e MOLL, Nora (2010), pp. 1-53.

GONZÁLEZ, Anxo Abuín e VARELA, Anxo Tarrío (ed.s) (2004) - *Bases metodolóxicas para unha historia comparada das literaturas na Península Ibérica*. Universidade de Santiago de Compostela.

GOODMAN, Dena (1994)- *The Republic of Letters. A Cultural History of the French Enlightenment*. Ithaca/London: Cornell University Press.

GREENBLATT, Stephen e GUNN, Giles (ed.s) (1992)- *Redrawing the Boundaries. The Transformation of English and American Literary Studies*. New York: The Modern Language Association of America.

GUILLÉN, Claudio (1985)- *Entre lo Uno y lo Diverso. Introducción a la Literatura Comparada*. Barcelona: Editorial Crítica.

\_\_\_\_\_(1998)- *Múltiples Moradas. Ensayo de Literatura Comparada*. Barcelona: Tusquets Editores.

GUPTA, Suman (2009)- *Globalization and Literature*. Cambridge: Polity Press.

HELGESSION, Stefan (2006)- “Rethinking World Literature”, in Lindberg-Wada, Gunilla (ed.) (2006), pp. 111-2.

\_\_\_\_\_(2006a)- “Going Global: An Afterward”, in LINDBERG-WADA, Gunilla, PETTERSSON, Anders, PETTERSSON, Margareta e HELGESSION, Stefan (ed.s) (2006), vol. IV, pp. 303-21.

GUTTMAN, Anna, HOCKX, Michel e PAIZIS, George (ed.s) (2006)- *The Global Literary Field*. Newcastle: Cambridge Scholars Press.

HUI-sok, Yoo (2006)- “A Little Pact with the Devil ? : On Franco Moretti’ s Conjectures on World Literature”, in LINDBERG-WADA, Gunilla (ed.) (2006), pp. 133-143

HUTCHEON, Linda e VALDÉS, Mario J. (ed.s) (2002)- *Rethinking Literary History*. Oxford/New York: Oxford U. P.

HUTCHEON, Linda (2002)- “Rethinking the National Model”, in HUTCHEON, Linda e VALDÉS, Mario J. (ed.s) (2002), pp. 3-49.

JAMESON, Fredric (1991)- *Postmodernism, or, the Cultural Logic of Late Capitalism*. Durham: Duke U. P.

\_\_\_\_\_(2008)- “New Literary History after the End and the New”, *New literary history*, 39 (3): 375-87.

JAY, Paul (2010)- *Global Matters: The Transnational Turn in Literary Studies*. Ithaca/London: Cornell University Press.

KADIR, Djelal (2006)- “Iron Square Memoranda (Mutatis Mutandis): For a World Literary History”, in LINDBERG-WADA, Gunilla (ed.) (2006), pp. 32-42.

\_\_\_\_\_(2006a)- “Comparative Literature in an Age of Terrorism”, in SAUSSY, Haun (ed.) (2006), pp. 68-77.

KOSELLECK, Reinhart (2000)- *Le Futur Passé. Contribution à la sémantique des temps historiques*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales [1979].

KRISHNASWAMY, Revathi (2010)- “Toward World Literary Knowledges: Theory in the Age of Globalization”, *Comparative Literature*, 62 (4): 399-419.

LARSEN, Neil (1995)- *Reading North by South. On Latin American Literature, Culture, and Politics*. Minneapolis/London: U. of Minnesota P.

LEFEBVRE, Henri (2000)- *La production de l'espace*, 4<sup>a</sup> ed. Paris: Anthropos [1974].

LINDBERG-WADA, Gunilla (ed.) (2006)- *Studying Transcultural Literary History*. Berlin/New York: Walter de Gruyter.

\_\_\_\_\_(2006a)- “Studying Transcultural Literary History: Introduction”, in LINDBERG-WADA, Gunilla (ed.) (2006), pp. 3-5.

LINDBERG-WADA, Gunilla, PETTERSSON, Anders, PETTERSSON, Margareta e HELGESSON, Stefan (ed.s) (2006)- *Literary History: Towards a Global Perspective*, 4 vol.s. Berlin/New York: Walter de Gruyter.

LOURENÇO, Eduardo (1994)- *Nós e a Europa ou as duas razões*, 4<sup>a</sup> ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

LYOTARD, Jean-François (1989)- *A Condição Pós-Moderna*, 2ª ed. Lisboa: Gradiva [1985].

MAGOCSI, Paul Robert (2004)- “Geography and Borders”, in CORNIS-POPE, Marcel e NEUBAUER, John (ed.s) (2004), pp. 19-30.

MARINO, Adrian (1988)- *Comparatisme et théorie de la littérature*. Paris: P.U.F.

McDONALD, Christie e SULEIMAN, Susan (ed.s) (2010)- *The French global: A New Approach to Literary History*. New York: Columbia University Press.

McGANN, Jerome (2008)- “Pseudodoxia Academica”, *New literary history*, 39 (3): 645-656.

MIGNOLO, Walter D. (1997)- “Espacios Geograficos y Localizaciones Epistemologicas: La ‘Ratio’ entre la Localización Geografica y la Subalternización de Conocimientos”, pp. 1-22 [<http://www.javeriana.edu.co/pensar/Rev34.html>]; acedido em 27/2/2006]. Bogotá: Universidad Javeriana.

\_\_\_\_\_(2002)- “Rethinking the Colonial Model”, in HUTCHEON, Linda e VALDÉS, Mario J. (ed.s) (2002), pp. 155-93.

\_\_\_\_\_(2003)- *Historias locales/diseños globales. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronteirizo*. Madrid: Akal [2000].

\_\_\_\_\_(2004)- “Introduction to Volume II”, in VALDÉS. Mario e KADIR, Djelal (ed.s) (2004), vl. II: xv-xix.

MIRANDA, Wander Melo (2004)- “Introduction to Volume III”, in VALDÉS. Mario e KADIR, Djelal (ed.s) (2004), vl. III, pp. xv-xix.

MORETTI, Franco (1999)- *Atlas of the European Novel: 1800-1900*. London/New York: Verso [1998].

\_\_\_\_\_(2000)- “Conjectures on World Literature”, *New Left Review*, nº 1 (2000), Janeiro-Fevereiro [<http://www.newleftreview.org/NLR23503.shtml>]; acedido em 15/6/2008], pp. 54-68.

\_\_\_\_\_(2003)- “More Conjectures”, *New Left Review*, nº 20 (2003), Março-Abril

[<http://www.newleftreview.org/NLR25402.shtml>]; acedido em 15/6/2008], pp. 73-81.

\_\_\_\_\_(2006)- “Evolution, World-Systems, *Weltliteratur*”, in LINDBERG-WADA, Gunilla (ed.) (2006), pp. 113-121.

\_\_\_\_\_(2008)- *Graphes, Cartes et Arbres. Modèles abstraits our une autre histoire de la littérature*. Paris: Editions Prairies Ordinaires.

MORLEY, David e ROBINS, Kevin (1995)- *Spaces of Identity: global media, electronic landscapes and cultural boundaries*. London/New York: Routledge.

NEUBAUER, John (with Inna Peleva, and Mihály Szegedy Maszák) (2007)- “General Introduction”, in CORNIS-POPE, Marcel e NEUBAUER, John (ed.s) (2007), pp. 1-38.

NEUBAUER, John (2004)- “Editor’s Preface”, in CORNIS-POPE, Marcel e NEUBAUER, John (ed.s) (2004), pp. xi-xii.

NEUBAUER, John (2004a)- “Histories of literary form”, in CORNIS-POPE, Marcel e NEUBAUER, John (ed.s) (2004), pp. 321-3.

\_\_\_\_\_(2007)- “Literary Histories. Itineraries of National Self-Images”, in CORNIS-POPE, Marcel e NEUBAUER, John (ed.s) (2007), pp. 345-5.

*New Literary History*, 39: 3 (Summer): *Literary History in the Global Age*

NÜNNING, Vera (2006)- “A ‘Culture-Sensitive Approach’ to Transcultural Literary History”, in LINDBERG-WADA, Gunilla (ed.) (2006), pp. 43-51.

PAGEAUX, Daniel Henri (2010)- “La Península Ibérica como espacio intercultural: el diálogo luso-español”, in Lafarga, Francisco, Pegenaute, Luis e Gallén, Enric (ed.s) (2010)- *Interacciones entre las literaturas ibéricas*. Bern: Peter Lang, pp. 365-81.

PERKINS, David (1992)- *Is Literary History Possible ?* Baltimore/London: The Johns Hopkins U. P.



PETTERSSON, Anders (2006)- “Possibilities for Transcultural Literary History”, in Lindberg-Wada (ed.) (2006), pp. 9-11.

\_\_\_\_\_(2006a)- “General Preface to the Series *Literary History: Towards a Global Perspective*”, in LINDBERG-WADA, Gunilla, PETTERSSON, Anders, PETTERSSON, Margareta e HELGESSON, Stefan (ed.s) (2006), vol. I, pp. ix-xii.

\_\_\_\_\_(2006b)- “Concepts of Literature and Transcultural Literary History”, in LINDBERG-WADA, Gunilla, PETTERSSON, Anders, PETTERSSON, Margareta e HELGESSON, Stefan (ed.s) (2006), vol. I, pp. 1-35.

\_\_\_\_\_(2008)- “Transcultural Literary History: Beyond Constricting Notions of World Literature”, *New literary history*, 39 (3): 463-79.

PIZER, John (2006)- *The Idea of World Literature: History and Pedagogical Practice*. Baton Rouge: Louisiana State U. P.

*PMLA*, 2001, 116: 1.

POLLOCK, Sheldon (ed.) (2003)- *Literary Cultures in History. Reconstructions from South Asia*. Berkeley/Los Angeles: U. of California P.

PRENDERGAST, Christopher (2001)- “Negotiating World Literature”, *New Left Review*, 8 (Março-Abril): 100-121.

\_\_\_\_\_(ed.) (2004)- *Debating World Literature*. London: Verso.

\_\_\_\_\_(2004a)- “The World Republic of Letters”, in PRENDERGAST (ed.) (2004), pp. 1-25.

SAID, Edward (1978)- *Orientalism*. London: Penguin Books.

\_\_\_\_\_ (1993)- *Culture & Imperialism*. London: Chatto & Windus.

\_\_\_\_\_ (2003)- “Introduction to the Fiftieth-Anniversary Edition”,

AUERBACH, Erich (2003)- *Mimesis: The Representation of Reality in Western Literature*. Princeton: Princeton U. P.

\_\_\_\_\_ (2004)-*Orientalismo*. Lisboa: Cotovia [2003].

SANDBERG, Mark (s/d)- “Figural Nodes in Nordic Literary Culture: Character, Place and Desire” [<http://icla.byu.edu/scandinavian/>; acedido em 5/1/2009], pp. 1-9.

SANTOS, Boaventura Sousa (1996)- *Pela Mão de Alice. O Social e o Político na Pós-Modernidade*, 5ª ed. Porto: Edições Afrontamento [1994].

\_\_\_\_\_ (2000)- *A Crítica da Razão Indolente. Contra o desperdício da experiência* [vl. 1 de *Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática*]. Porto: Edições Afrontamento.

\_\_\_\_\_ (2006)- *A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política* [vl. 4 de *Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática*]. Porto: Edições Afrontamento.

SAUSSY, Haun (ed.) (2006)- *Comparative Literature in an Age of Globalization*. Baltimore: The Johns Hopkins U. P.

\_\_\_\_\_(2006a)- “Exquisite Cadavers Stitched from Fresh Nightmares. Of Memes, Hives, and Selfish Genes”, in SAUSSY, Haun (ed.) (2006), pp. 3-42.

SCHULTEN, Susan (2001)- *The Geographical Imagination in America, 1880-1950*. Chicago/London: The U. of Chicago P.

SILVANO, Filomena (2010)- *Antropologia do Espaço*. Lisboa: Assírio e Alvim.

SILVESTRE, Osvaldo Manuel A. P. (2006)- *Revisão e Nação. Os Limites Territoriais do Cânone Literário*. Dissertação de Doutoramento em Teoria da Literatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra [Documento electrónico – disco óptico CD-ROM].

SINOPOLI, Franca (2010)- “Dall’ universalismo letterario alle forme attuali della mondialità letteraria”, in GNISCI, Armando, SINOPOLI, Franca e MOLL, Nora (2010)- *La letteratura del mondo nel XXI secolo*. Torino/Milano: Bruno Mondadori, pp. 55-116.

SISKIND, Mariano (2010)- “The Globalization of the Novel and the Novelization of the Global. A Critique of World Literature”, *Comparative Literature*, 62 (4): 336-360.

SOJA, Edward (1993)- *Geografias Pós-Modernas. A Reafirmação do Espaço na Teoria Social Crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor [1989].

SOMMER, Doris e CAMPOS, Maria Consuelo C. (2004)- “Fissured Foundations: Nostalgia and New Beginnings. Introduction”, in VALDÉS. Mario e KADIR, Djelal (ed.s) (2004), vl. I, pp. 1-2.

SONDRUP, Steven P. (s/d)- “A Comparative History of Nordic Literary Cultures”, [<http://icla.byu.edu/scandinavian/>]; acedido em 5/1/2009], pp. 1-11.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty (2003)- *Death of a Discipline*. New York: Columbia U. P.

STEINER, George (1995)- *What is Comparative Literature ? An inaugural Lecture delivered before the University of Oxford on 11 October 1994*. Oxford: Clarendon Press.

TANOUKHI, Nirvana (2008)- “The Scale of World Literature”, *New Literary History*, 2008, 39 (3): 599-617.

THÉRY, Hervé (2004)- “The Formation of a Cultural Territory”, in VALDÉS. Mario e KADIR, Djelal (ed.s) (2004), vol. I, pp. 3-17.

THIESSE, Anne-Marie (1999)- *La Création des Identités Nationales. Europe XVIII.e-XX.e siècle*. Paris: Seuil.

THOMSEN, Mads Rosendahl (2008)- *Mapping World Literature: International Canonization and Transnational Literatures*. London/New York: Continuum.

TRIVEDI, Harish (2006)- “The World as India: Some Models of Literary History”, in LINDBERG-WADA, Gunilla (ed.) (2006), pp. 23-31.

VALDÉS, Mario e HUTCHEON, Linda (2004)- “Rethinking Literary History - Comparatively”, in VALDÉS, Mario e KADIR, Djelal (ed.s) (2004), pp. xxvii-xxx.

VALDÉS, Mario e KADIR, Djelal (ed.s) (2004)- *Literary Cultures of Latin America: A Comparative History*, 3 vol.s. New York: Oxford U. P.

VALDÉS, Mario J. (1999)- “Postmodern Literary History or Reading History as a Hypertext”, *Neohelicon*, 26 (2): 11-17.

\_\_\_\_\_(2002)- “Rethinking the History of Literary History”, in HUTCHEON, Linda e VALDÉS, Mario J. (ed.s) (2002), pp. 63-115.

\_\_\_\_\_(2004a)- “Preface by the General editor of the Literary History Project”, in CORNIS-POPE, Marcel e NEUBAUER, John (ed.s) (2004), pp. xiii-xvi.

\_\_\_\_\_(2004b)- “Beyond Literary History”, in M. VALDÉS, Mario J. e KADIR, Djelal (ed.s) (2004), vl. I, pp. xvii-xxv.

\_\_\_\_\_(2004c)- “Parameters of Literary Culture. Introduction”, in M. VALDÉS, Mario J. e KADIR, Djelal (ed.s) (2004), vl. I, pp. 1-2.

\_\_\_\_\_(2004d)- “A modo de introducción: como se hace una historia literária comparada. Algunas observaciones teóricas”, in

GONZÁLEZ, Anxo Abuín e VARELA, Anxo Tarrío (ed.s) (2004), pp. 11-9.

VEIT, Walter F. (2008)- Globalization and Literary History, or Rethinking Comparative Literary History – Globally”, *New literary history*, 39 (3): 415-35.

WALLERSTEIN, Immanuel (1991)–*Unthinking Social Science: The Limits of Nineteenth-Century Paradigms*. Cambridge: Polity Press.

WELLEK, René e WARREN, Austin (1983)- “ El ocaso de la historia literaria”, *Historia literaria. Problemas y conceptos* (selección de Sérgio Beser), Barcelona: Laia, pp. 245-60 [1982].

\_\_\_\_\_(1989)- *Historia de la Crítica Moderna (1750-1950). La Segunda Mitad del Siglo XVIII*. Madrid: Gredos [1959].

WENINGER, Robert (2010)- “Lost in Lit-Terra Incognita, or What Is and to What End Do We Study World Literature”, *Comparative Literature*, 62 (4): 315-335.

WHITE, Hayden (2008)- “Commentary: ‘With no particular place to go’: Literary History in the Age of the Global Picture”, *New literary history*, 39 (3): 727-45.